



## 20 DE JULHO DE 2015

### Segunda-feira

- FATURAMENTO DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE SP RECUA 10,2% EM MAIO
- EMPRESÁRIOS SÃO OTIMISTAS ATÉ NA CRISE; CONFIANÇA EXCESSIVA PODE LEVAR A ERROS
- PARA PROSPERAR, FUNCIONÁRIOS PRECISAM ACREDITAR NO POTENCIAL DA EMPRESA
- COMPANHIAS BUSCAM START-UPS PARA INOVAR
- TRABALHO FLEXÍVEL PODE MOTIVAR FUNCIONÁRIOS; VEJA DICAS PARA ADOTÁ-LO
- VENDAS DA VOLKSWAGEN CAEM 8,6% EM JUNHO COM DEMANDA MENOR
- CRISE ALTERA NEGOCIAÇÕES SALARIAIS
- A CURITIBA DE 2024. ENTENDA
- EMPRESÁRIOS QUEREM CONSTRUIR MAIS NAS ZRS 3 E 4. DADOS INDICAM QUE HÁ ESPAÇO PARA ISSO
- EDITORIAL: SEM ILUSÃO
- TARIFACO TRIPLICA CALOTE NA CONTA DE LUZ
- CRISE ECONÔMICA ELEVA EM 67% O "ÊXODO" DE BRASILEIROS
- VOLKSWAGEN USA TECNOLOGIA DE VIDEOGAME PARA APRIMORAR ERGONOMIA EM SUAS FÁBRICAS
- CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL ATINGE EM JULHO PIOR NÍVEL EM 16 ANOS
- EMPREGO INDUSTRIAL FECHA PRIMEIROS CINCO MESES DO ANO COM QUEDA DE 5%

- ACOS ESPECIAIS E IMPRESSÃO 3D ATRAEM SETOR AUTOMOTIVO
- AUDI INICIARÁ PRODUÇÃO DO A3 NO BRASIL EM SETEMBRO
- POSIDONIA INVESTE US\$ 100 MILHÕES PARA COMBATER CRISE
- BNDES FINANCIARÁ PRODUÇÃO DE 19 LOCOMOTIVAS DA GE
- SERVIDORES DO INSS EM SÃO PAULO REJEITAM PROPOSTA E MANTÊM PARALISAÇÃO
- FATOR PREVIDENCIÁRIO: UM MAL NECESSÁRIO?
- EMPREGO FORMAL TEM PIOR DESEMPENHO PARA FEVEREIRO EM 16 ANOS
- MERCADO PREVÊ QUEDA DE 1,70% DO PIB EM 2015 E RECUPERAÇÃO MENOR EM 2016
- APROVADO CRÉDITO PARA EXPORTAÇÕES DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS
- EMPRESAS VEEM OPORTUNIDADES PARA MELHORAR NEGÓCIO MESMO NA CRISE
- CRISE EM EMPRESAS FAMILIARES
- EMPRESAS PODERÃO ADERIR A PROGRAMA DE PROTEÇÃO AO EMPREGO A PARTIR DO DIA 22
- ARCELORMITTAL BRASIL APOSTA EM COMÉRCIO ELETRÔNICO DE AÇO
- MINAS-RIO LEVA ANGLO AMERICAN A UMA BAIXA CONTÁBIL BILIONÁRIA
- ATRASSO EM ACORDOS COM ALSTOM E ELECTROLUX TURVA FUTURO DA GE
- VALE AMPLIA COMPETIÇÃO COM RIO E BHP APÓS AUTORIZAÇÃO DE DESEMBARQUE NA CHINA
- REDUÇÃO DE PRODUÇÃO DE MINÉRIO DE FERRO DA RIO TINTO É ECLIPSADA POR EXCEDENTE
- EMPREGO NA INDÚSTRIA DEVE CONTINUAR A CAIR, AVALIA ECONOMISTA DO IBGE

<b>CÂMBIO</b>		
<b>EM 20/07/2015</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,213	3,214
<b>Euro</b>	3,486	3,487

Fonte: BACEN

## **Faturamento das micro e pequenas empresas de SP recua 10,2% em maio**

20/07/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

A receita das micro e pequenas empresas do Estado de São Paulo caiu 10,2% em maio, em relação ao mesmo mês de 2014, já descontada a inflação do período.

Foi a quinta queda consecutiva no faturamento do setor, segundo o Sebrae-SP. No acumulado dos cinco primeiros meses deste ano, a baixa chega a 12,4%.

Em maio, a maior retração foi observada no segmento industrial paulista: -17,4%.

"A indústria vem caindo já há alguns meses, pois é quase sempre o primeiro setor a sofrer com o desaquecimento da demanda", diz Marcelo Moreira, do Sebrae-SP.

No caso dos micro e pequenos industriais, a alta dependência em relação ao mercado interno é um agravante no cenário atual de instabilidade econômica.

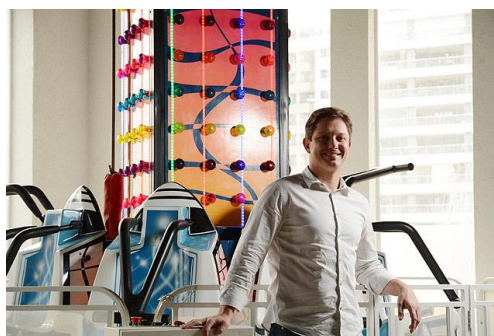
Diferentemente de grandes companhias, que podem recorrer às exportações em um momento de câmbio mais favorável – e com isso compensar parte das perdas no mercado doméstico –, a maioria das fábricas de menor porte vende apenas dentro do país, segundo Moreira.

A pesquisa mostrou que, mesmo com a queda na receita, ainda não ocorreram demissões: houve alta de 1,2% no pessoal ocupado no acumulado de janeiro a maio.

Por outro lado, a folha de pagamentos caiu 1,4% no período, o que pode indicar uma substituição de funcionários com salários mais altos.

## **Empresários são otimistas até na crise; confiança excessiva pode levar a erros**

20/07/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo



Há menos de um mês, o consultor empresarial Dino Mocsányi organizou em São Paulo um evento sobre negócios chamado "2015 - 2016: Anos Formidáveis!".

O principal assunto foi a maneira como os empresários devem encarar a economia desaquecida. Para ele, é uma época fértil em oportunidades. "Grandes corporações surgiram em crises", lembra Mocsányi.

O otimismo é comumente recomendado a empreendedores como ingrediente para ter uma empresa com metas mais ambiciosas e conseqüentemente faturamentos maiores.

"Tem tudo a ver com alta performance", diz Erik Penna, palestrante motivacional para empresários, segundo quem "o otimismo não tem nada negativo".

Mas há quem discorde. A professora doutora americana de origem indiana Manju Puri, da Universidade de Duke, nos EUA, afirma que otimismo excessivo atrapalha as decisões econômicas.

Ela conduziu um estudo para verificar qual o papel da predisposição a encarar o futuro nas escolhas de vida, desde opções de trabalho, casamento, até investimentos.

Para avaliar o grau de otimismo das pessoas, ela apresentou dados de expectativa de vida e, em seguida, perguntou quanto elas achavam que iam viver. Quanto mais a resposta excedesse a média, mais otimista a pessoa seria considerada.

Puri defende que o otimismo permeia todas as esferas da vida -ou seja, a mesma predisposição que faz com que a pessoa pense que vai viver mais faz com que ela considere que suas decisões econômicas darão certo.

A conclusão é que quem tem uma visão excessivamente rósea do mundo também "não costuma planejar a longo prazo, não necessariamente paga suas contas em dia e toma decisões financeiras pouco recomendáveis", explica Puri, enumerando atitudes que, em um empreendedor, podem levar um negócio ao fracasso.

O estudo compara otimismo a vinho, bom em pequenas quantidades. O consumo moderado "é associado a decisões prudentes, e o inverso é verdade para otimismo em excesso", diz a professora.

## **CONFIANÇA**

O índice que mede a confiança do pequeno empresário brasileiro atingiu seu ponto mais baixo da série histórica, iniciada em 2009.

O IC-PMN (Índice de Confiança do Empresário de Pequenos e Médios Negócios), calculado pelo Insper com base em entrevistas com mais de mil representantes de empresas, chegou a 57,4 pontos, em uma escala de 0 a 100.

O número ainda está ligeiramente otimista -quando resulta mais de 50, significa que o futuro será melhor do que o presente.

O humor é importante porque influência nas decisões empresariais, diz o professor e pesquisador do Insper Gino Olivares. "Não faz sentido pensar que o empresário tem uma avaliação negativa e que ainda assim vá investir para expandir", explica.

Leandro Tavares, 38, sócio do grupo Planeta Kids, uma rede de bufê infantil de São Paulo, vai na mesma linha: "Ser otimista significa enxergar possibilidade de resultado e implica não ter medo de investir", explica.

Ele afirma que, "por incrível que pareça", está bem otimista mesmo reconhecendo que a economia passa por turbulências.

Para seu negócio, a alta do dólar faz com que as famílias deixem de viajar à Disney e acabem fazendo festas para as crianças.

Mas não é só na base do otimismo que Tavares gerencia seu negócio. Para conseguir manter seus bufês cheios, o empresário teve que se adaptar a uma clientela menos disposta a gastar. "Aumentei um pouco meu investimento em marketing, diminuí um pouco a margem de lucro para continuar tendo rentabilidade", conta.

Otimismo em doses moderadas é o mais recomendado pelos especialistas. Isso porque ele permite que o empresário não desista do negócio diante de obstáculos, mas impede que ele se acomode.

O presidente do Sebrae Nacional, Luiz Barretto, recomenda mesmo aos mais otimistas que, neste momento, "olhem para dentro".

Ele diz que a situação exige análise cautelosa e recomenda que as empresas não evitem medidas de corte de custos à espera de melhoras.

### **GRAMA MAIS VERDE**

O economista Antônio Everton Chaves diz que parte deste otimismo vem do fato da renda do empresário estar atrelada ao desempenho do negócio. Assim, a expectativa dele em relação aos rendimentos costuma ser maior do que entre os assalariados.

Enxergar um momento ruim na economia, e ainda assim, ver o futuro do próprio negócio com bons olhos é uma atitude comum -ela aparece na última pesquisa do Insper.

"Isso é um resultado clássico do que eu chamo de otimismo privado durante desespero público", afirma a neurocientista israelense Tali Sharot, especializada em otimismo.

Para ela, a característica é inerente ao empreendedor, que deve aceitar altos riscos na aposta de que sua ideia de negócio vai dar certo. Mas, em excesso, a confiança "pode prejudicar seu raciocínio".

"O empresário deve ter dados concretos em mãos, a melhor previsão do que está por vir para ser capaz de tomar a melhor decisão para seus negócios", diz.

### **Para prosperar, funcionários precisam acreditar no potencial da empresa**

20/07/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

Empreendedores já costumam ter uma dose de otimismo, mas não são os únicos que precisam ser convencidos de que o negócio é viável: os funcionários da empresa também devem acreditar em previsões positivas, defendem especialistas.

Os empregados não trabalham só pela remuneração, e acreditar no futuro do negócio é importante para desempenhar bem uma função nele, diz Bell Gama, sócia da Air Branding, empresa de "employer branding" (ações de atração, integração e retenção de profissionais).

Como não têm acesso a todos os dados da empresa, os funcionários costumam fazer suas previsões com base no que acontece ao seu redor. Se veem cortes de orçamento e demissões, completam a história "com finais infelizes", diz Sergio Sabino, da consultoria TMP Worldwide.

Por isso, defende Sabino, cabe aos líderes mostrar que, apesar das dificuldades momentâneas, a empresa seguirá e que os profissionais que estiverem na mesma sintonia tendem a ter mais sucesso.

### **HONESTIDADE**

Isso é preciso ser feito de forma transparente, afirmam os consultores. Ou seja, não esconder dados negativos da empresa, do setor ou da economia, mesmo porque a chance de os empregados descobrirem sozinhos é alta.

Afonso Gomes Louro, dono da Visual Turismo, conta que ele e os diretores da empresa costumam falar sobre a situação econômica do Brasil e sobre as vendas com seus empregados.

A empresa dele vende pacotes de viagens para agências revenderem no varejo.

"Procuro manter o meu quadro de funcionários otimista. O segmento exige que as pessoas transmitam otimismo porque viagem precisa ser algo agradável, sobre o que as pessoas gostem de falar", afirma Louro.

Uma forma de aumentar o otimismo no ambiente de trabalho, sugere Gama, é transmitir mensagens positivas, ressaltando ações "para cima, felizes e otimistas" tomadas pela empresa, desviando o foco da atenção dos dados ruins.

## **Companhias buscam start-ups para inovar**

20/07/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

Grandes companhias estão desenvolvendo programas para se aproximar de start-ups (empresas iniciantes de tecnologia).

Essas iniciativas têm como objetivo diversificar estratégias de inovação e manter as companhias próximas de tendências tecnológicas.

Os modelos para o relacionamento são variados: Bradesco e Natura fizeram chamadas públicas para que empreendedores com quem pudessem fazer negócios apresentassem seus produtos.

Telefônica e Itaú decidiram se aproximar das empresas fisicamente.

A primeira iniciou, em 2012, unidade da aceleradora de negócios Wayra (empresa responsável por programa que oferece investimento, consultoria e escritório, em troca de participação acionária) em São Paulo.

Já o banco lançará, em setembro, prédio em São Paulo em que ficarão abrigadas até 50 start-ups.

Um dos principais motivos para que grandes companhias busquem as iniciantes é a possibilidade de pensar a inovação em um horizonte de longo prazo, afirma Carlos Pessoa, diretor da Wayra.

"A Telefônica tem sua área de inovação. Mas ela tem de estar atenta às necessidades mais imediatas do grupo. Queremos também pessoas de fora, sem as mesmas pressões por objetivos e metas, para ver que oportunidades são descobertas por elas."

As dez companhias que foram escolhidas pelo Bradesco em 2014 para participar do InovaBRA têm a ajuda da equipe técnica e de executivos do banco para desenvolver seus produtos.

A relação pode terminar de diferentes maneiras, de acordo com a avaliação que será feita por comitê do banco.

O Bradesco pode decidir por uma compra de ações da empresa por seu fundo de investimento, se tornar cliente da start-up ou passar a oferecer serviços dela a seus clientes.

### **INOVAÇÃO BILIONÁRIA**

Segundo Bruno Rondani, organizador do movimento 100 Open Startups, a valorização dos projetos de start-ups por grandes empresas se insere na tendência de compras bilionárias de companhias iniciantes, como Instagram e WhatsApp, adquiridos pelo Facebook.

Grandes empresas também reconhecem dificuldades que enfrentam quando atuam isoladas em seu processo interno de inovação, como o medo de que novos produtos e serviços desenvolvidos por ela própria roubem mercado de seus produtos atuais, explica.

O programa faz uma ponte entre demandas do mercado percebidas por grandes empresas e novas companhias. Até o momento, 43 empresas apoiam a edição atual, que selecionará cem start-ups que vão se apresentar a executivos e investidores em 2016.

## **ADAPTAÇÃO**

O processo de aproximação da Natura com o mercado de start-ups vem sendo gradual. Em 2014, em parceria com a Aceleratech (aceleradora de negócios paulistana), a empresa selecionou cinco start-ups com soluções para a realização de apresentações internas.

A partir desse projeto, surgiu um programa-piloto para uso da plataforma de ensino virtual da empresa Já Entendi para treinamento de vendedores da Natura, diz Luciana Hashiba, gerente de inovação da empresa.

Neste ano, a Natura lançou em abril chamada pública em incubadoras e parques tecnológicos ligados à Anprotec (associação nacional que reúne essas instituições).

O objetivo era receber projetos de companhias de diferentes setores que pudessem se relacionar com a empresa. Foram recebidos 150, metade ligada à tecnologia da informação.

Atualmente, estão sendo analisados e apresentados internamente para verificar o interesse nas iniciativas.

Para Hashiba, o maior desafio de uma grande empresa que se aproxima de iniciantes é encontrar formas de se relacionar que, ao mesmo tempo, atendam necessidades das maiores, como gestão de riscos e análises criteriosas, e consigam manter a velocidade das novas empresas.

## **Trabalho flexível pode motivar funcionários; veja dicas para adotá-lo**

20/07/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

A flexibilização de horários de entrada e o trabalho de casa podem aumentar o engajamento dos funcionários com a empresa e motivá-los a produzir mais, defende Ramiro Luege, gerente de recursos humanos da Basf, que adotou a estratégia na empresa. Em vez de perder tempo no trânsito, o empregado o investe na empresa, diz Luege.

Veja abaixo dicas para adotar um modelo de trabalho flexível em sua empresa:

### **TEMPO É DINHEIRO**

Sem mudar a carga horária diária, estabeleça uma margem de duas horas para os horários de entrada e saída.

Isso permite aos funcionários tempo para compromissos pessoais e evita horas desperdiçadas no trânsito.

### **TEMPO PARA TUDO**

Permita que sua equipe tenha meio período livre às sextas-feiras e vésperas de feriado, trabalhando mais horas durante a semana. Não há custo direto para a empresa e deixa o funcionário mais feliz.

### **TEMPOS MODERNOS**

Com tecnologias como telas compartilháveis, notebook com ramal de telefone e teleconferências, é possível trabalhar de casa ao menos um dia por semana sem afetar a produtividade.

## **TEMPO NÃO É PARA TODOS**

Antes de aderir, considere as funções exercidas e o estilo de trabalho do funcionário e de sua equipe. O modelo requer um perfil mais organizado e comprometido com metas e valorização por performance.

### **Vendas da Volkswagen caem 8,6% em junho com demanda menor**

20/07/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

As vendas da principal divisão da Volkswagen caíram em pela oitava vez em nove meses em junho, com a desaceleração da China e a queda na demanda da América Latina superando os ganhos na Europa.

As entregas da marca Volkswagen, que responde por 60 por cento das vendas do grupo, caíram 8,6 por cento em junho ante o ano anterior, para 470,7 mil veículos, levando a queda nos seis primeiros meses do ano para 3,9 por cento, disse nesta sexta-feira a empresa baseada em Wolfsburg.

Com exceção de fevereiro, quando as vendas da marca se mantiveram estáveis em 413,7 mil veículos, as entregas da maior divisão de automóveis da VW por vendas e receita recuaram em todos os meses desde outubro.

No primeiro semestre, um aumento de 3,1 por cento na Europa e 3,2 por cento na América do Norte não foram suficientes para compensar a queda de 6,7 por cento no importante mercado chinês, onde a VW vendeu no ano passado mais de um terço do volume recorde de 10,1 milhões de veículos.

O maior fabricante de automóveis da Europa está buscando desenhar até setembro uma nova estrutura para ajudar a empresa a aumentar a lucratividade e enfrentar o baixo desempenho em mercados estrangeiros como os Estados Unidos e o Brasil.

### **Crise altera negociações salariais**

20/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

O agravamento da crise econômica, com a inflação beirando os dois dígitos e desemprego crescente, mudou o discurso das categorias que têm data-base no segundo semestre deste ano, como metalúrgicos, petroleiros e bancários.

A reivindicação de reajustes reais (acima da inflação), prioridade dos últimos dez anos, poderá ser trocada pela manutenção do emprego no caso de impasse nas negociações.

Sindicalistas também já declaram que a ampliação de cláusulas sociais, que regulam benefícios como vale-refeição e períodos maiores para licença maternidade, pode virar moeda para fechar novos acordos.

“O movimento sindical terá que ter um cuidado maior com a manutenção do emprego”, afirma o diretor-técnico do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Clemente Ganz Lúcio.

Para Lúcio, o momento de ajuste econômico fará com que as negociações ao longo do segundo semestre mudem de estratégia.

“Este ano será igual a 2003, quando as negociações foram afetadas pela economia ruim”, aponta.



## A Curitiba de 2024. Entenda

20/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo



***Discussão sobre a revisão do Plano Diretor da capital paranaense avança na Câmara Municipal. Antes de ir para votação, uma última audiência pública deve ser realizada em agosto próximo. Fique por dentro:***

Como será a capital do Paraná daqui a dez anos? Essa é a premissa da revisão do Plano Diretor de Curitiba, em andamento desde 2014. O documento nada mais é do que o fio-condutor que norteará o planejamento da cidade daqui para frente.

Pelo Estatuto da Cidade, criado pela Lei Federal 10.257 de 2001, o Plano Diretor precisa ser revisto de dez em dez anos. O atual Plano Diretor de Curitiba é de 2004, mas tem como base todo um histórico de planejamento urbano. O primeiro Plano Diretor da capital paranaense começou a ser desenhado em 1965, a partir do primeiro documento de desenvolvimento urbano, feito pelo engenheiro francês Alfred Agache entre 1941 e 1943.

O Ippuc tem ressaltado que não pensou apenas nos próximos dez anos, mas nos próximos 50 anos para elaborar o documento em discussão atualmente na Câmara Municipal.

Tecnicamente, é o Plano Diretor que traz os grandes conceitos de desenvolvimento de uma cidade. É com base nele que a lei de zoneamento e os planos setoriais da cidade, em áreas como Habitação e Mobilidade, serão construídos mais tarde.

São esses últimos documentos que tratam das questões mais detalhadas, mais próximas do dia a dia dos cidadãos – por isso a dificuldade de se entender de forma clara as discussões do Plano Diretor, que parecem tão amplas, tão distantes da rotina dos moradores da cidade.

Ainda assim, é possível vislumbrar novidades importantes no modo como Curitiba deve se desenvolver daqui para frente. Confira algumas delas, divididas por temas:

### ***Estrutura urbana/macrozoneamento***

#### **O que é**

Orienta o crescimento da cidade, com regras sobre a distribuição espacial das atividades, a densidade ocupacional e a configuração da paisagem urbana.

#### **Novidades**

Estimular a distribuição espacial da população e de atividades econômicas em áreas dotadas de infraestrutura e equipamentos públicos, **em especial nos eixos estruturantes, eixos de adensamento e a área central** (Art.17, II);

Induzir a ocupação de espaços vazios ou subutilizados para que eles cumpram sua função social (Art.17, VIII). Esses espaços vazios ainda precisam ser mapeados pelo Ippuc;  
Regularizar assentamentos de interesse social já consolidados, incorporando-os à estrutura urbana, respeitado o interesse público (Art.17, XII);

Qualificar progressivamente os centros de bairros que são referências para a comunidade local devido à infraestrutura, equipamentos públicos e atividades comerciais e sociais (Art. 17, XIII). No geral, a ideia do Ippuc é de reconhecimento das centralidades que já existem e a de criação de novas centralidades, dotadas de infraestrutura e serviços, evitando o deslocamento excessivo dos moradores de Curitiba;

Os estudos de ocupação deverão observar a definição de “compartimentos urbanos”, áreas rodeadas por eixos estruturais e de transporte, com pluralidade de funções e atividades, que reduzam a necessidade de deslocamento na cidade (Art. 18). Ainda neste sentido, as áreas de predominância residencial de média densidade também devem ser alvo, agora, da instalação de comércios e serviços (Art.20, III);

As densidades brutas de ocupação, que ajudam a orientar o adensamento populacional, passam a ter níveis bem definidos: áreas de baixa densidade são aquelas de até 80 habitações/hectare; média de densidade, entre 81 e 200 habitações/hectare; e alta densidade, entre 201 habitações/hectare a 400 habitações/hectare (Art.20, inciso 2.º);

Criação de quatro áreas de ocupação controlada em regiões ambientalmente frágeis, duas no Norte (Cachoeira e São João) e duas no Sul (Campo de Santana e Umbará) e uma área entre o Campo de Santana e o Caximba. No Norte pretende-se proteger áreas de bosques e evitar o aumento da densidade em terrenos íngremes (mais sujeitos a deslizamentos).

No Sul, o objetivo é proteger a Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Iguaçu e perto da Reserva do Bugio;

A área de uso misto do Centro foi ampliada e passa a abranger o Setor Histórico e o São Francisco;

As áreas de destinação específica (prioritariamente industrial e de serviços) no Atuba foram reduzidas, já que boa parte delas já é ocupada por residências.

## ***Mobilidade urbana e transporte***

### **O que é**

Tem o compromisso de facilitar os deslocamentos e a circulação de pessoas e bens no município.

### **Novidades**

Priorizar no espaço viário o transporte público coletivo em relação ao transporte individual motorizado, e o modo de deslocamento não motorizado em relação ao motorizado (Art. 29, I);

Promover estudos e regulamentar, no âmbito da competência municipal e em conjunto com órgãos federal e estadual, a definição de espaços de circulação, instalação de áreas e equipamentos que possibilitam a operação de veículos aéreos não tripulados (como os drones) (Art. 29, XVII);

Manter e aprimorar o Sistema Integrado de Mobilidade (SIM), voltado ao monitoramento integrado e remoto do transporte público coletivo e do trânsito (Art.29, XVIII);

De maneira geral, além da criação de novos eixos estruturantes e eixos de adensamento, o novo Plano Diretor também propõe a criação de cinco novos eixos de transporte da cidade (que em alguns casos se confundem com os eixos citados anteriormente).

Esses eixos de transporte são, nada mais, nada menos, que a requalificação das antigas Conectoras – concebidas para fazer a ligação do eixo estrutural ao oeste da cidade, especialmente à zona industrial – e a ligação delas com os quatro eixos de transporte existentes (Norte-Sul, Leste-Oeste, Boqueirão e Linha Verde);

Abertura de possibilidade para a restrição e controle de acesso e circulação, permanente ou temporário, de veículos motorizados em locais e horários predeterminados. E aplicação de tributos sobre modos e serviços de transporte urbano com receita vinculada a melhorias do setor. Em outras palavras, há espaço agora para ações como o pedágio urbano (Art. 30, I e II);

Estimular o transporte solidário ou compartilhado – como as iniciativas de carona solidária e os aplicativos diversos de mobilidade (Art. 30, VI);

Articulação com o governo federal e governo estadual a obtenção de subsídios ou meios de desoneração para baratear a tarifa do transporte público coletivo. O Plano Diretor de 2004 e em vigor atualmente não prevê essa possibilidade, mas, na prática, a Rede Integrada de Transporte da região metropolitana de Curitiba vem recebendo subsídios e desonerações desde 2012.

Um detalhe: a possibilidade prevista no novo Plano Diretor não especifica a tarifa que seria beneficiada por subsídios e desonerações (se a técnica, aquela paga às empresas, ou a do usuário) (Art.31, XII);

Aperfeiçoar e ampliar gradualmente o sistema de bilhetagem eletrônica (Art. 31, XIV);  
Articular junto aos governos federal e estadual a concessão das fixas de domínio das linhas férreas, após a extinção da operação deste sistema, para o uso público municipal com ênfase em estruturação viária de transporte (Art. 34, VII);

Definir padrões de calçadas com características acessíveis (regular, firme, estável e antiderrapante) e ampliar a rede de calçadas acessíveis no entorno de equipamentos públicos e em rotas que levem a eles (Art. 38, II e III);

Elaboração dos planos Ciclovitário e de Pedestrianização e Calçadas (Art. 38, IX, e Art.39, I);

Implantar um sistema de bicicletas compartilhadas integrado à rede de transporte coletivo (Art.39, V).

## **Meio Ambiente e Cultura**

### **O que é**

Promove a conservação, proteção, recuperação e o uso racional do meio ambiente, em seus aspectos natural e cultural, visando a preservação ambiental e a sustentabilidade da cidade, para a atual e as futuras gerações.

### **Novidades**

Adotar a bacia hidrográfica como unidade territorial de gestão e planejamento ambiental (Art. 46, VI);

Incentivar a utilização de sistemas de drenagem urbana sustentáveis em complemento a drenagem pluvial tradicional (Art.46, XIV);

Incentivar a agricultura urbana, como forma de promover a racionalização do território, a conservação da cultura local, a preservação da paisagem tradicional e a produção de alimentos, garantindo a salubridade ambiental no município (Art. 46, XVIII);

Reduzir gradativamente (antes era “anualmente”) a emissão de poluentes nocivos à saúde, conforme o Plano Setorial de Desenvolvimento Ambiental (Art. 46, XXI);

O município estabelecerá, em instrumento próprio (lei ou decreto): o Programa de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA), que compensará pessoas jurídicas e físicas que atuam, isolada ou cumulativamente, na conservação e melhoria ambiental da cidade; e o Plano de Mitigação e Adaptação as Mudanças Climáticas, com o objetivo de

estabelecer ações e medidas visando a redução gradativa das emissões de gases de efeito estufa da cidade (Art. 49);

Criar um sistema único de informações dos bens de valor cultural (Art.51, III);

Instituição de um Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (Art. 52, III);

Estabelecimento de um sistema de penalidades ao descumprimento das obrigações de conservação, preservação e proteção dos bens culturais protegidos (Art. 53, IV).

### ***Paisagem urbana e uso do espaço público***

#### **O que é**

A paisagem urbana é a configuração visual da cidade e seus componentes, resultante da interação entre os elementos naturais e culturais.

#### **Novidades**

Elaborar o Plano de Zoneamento Subterrâneo, de modo a mapear, ordenar, classificar e disciplinar a infraestrutura de serviço da cidade (Art. 56, V);

Pactuar junto às concessionárias de energia e comunicação programas contemplando prazos e condições para a substituição gradual das redes de distribuição aérea pelo sistema subterrâneo (Art. 56, VI).

### ***Habitação***

#### **O que é**

Essa parte pretende orientar o poder público e a iniciativa privada para propiciar o acesso à moradia, priorizando famílias de menor renda, num processo integrado às políticas de desenvolvimento urbano e regional e demais políticas municipais.

#### **Novidades**

Priorizar a ocupação das áreas já infraestruturadas que estejam não edificadas, subutilizadas ou não utilizadas, através da aplicação de instrumentos de política urbana (Art. 58, III);

Revisar o Plano Setorial de Habitação (Art. 58, VI);

Ampliar os recursos do Fundo Municipal de Habitação de Interesse Social (FMHIS) mediante previsão no orçamento municipal de aportes regulares de recursos e utilização dos instrumentos de política urbana previstos neste Plano Diretor (Art.60, III);

Promover estudos e projetos de aluguel social como forma de viabilizar o acesso à habitação de interesse social aos mais diversos segmentos da população, tais como estudantes, jovens e idosos, priorizando a população de baixa renda.

A intenção do Ippuc é ofertar unidades que venham a pertencer ao município por meio, principalmente, da requalificação de edificações abandonadas (Art. 64, III) para moradores que paguem um valor baixo pela habitação temporária. No mês passado, a Câmara Municipal aprovou, porém, uma lei que vai em uma direção diferente, a de fazer com que o município subsidie a famílias em situações de risco determinadas o valor de um aluguel de até um salário mínimo regional.

Esta lei ainda precisa ser regulamentada com detalhes como o limite de pessoas atendidas, a origem dos recursos, entre outros. (Art. 60, VI);

Monitorar a política de habitação de interesse social por meio de um sistema permanentemente atualizado, permitindo o acesso da população às informações monitoradas (Art. 60, IX);

Criação da demarcação de "Setor Especial de Interesse Social (SEHIS) Vazios" também em imóvel público ou privado, dotado de infraestrutura urbana, com o objetivo de implantação de empreendimento de interesse social (Art. 62, II).

A ideia do novo Plano Diretor é que a prefeitura faça um mapeamento dos chamados vazios urbanos: propriedades privadas ou públicas não edificadas, subutilizadas ou abandonadas, com área igual ou superior a 2 mil metros quadrados. Se os proprietários não tiverem interesse em ocupar essas áreas, as mesmas poderão ser desapropriadas para a produção de unidades habitacionais;

Fica estabelecida a Cota de Habitação de Interesse Social, entendida como a contrapartida obrigatória exigida nos empreendimentos de grande porte para a produção de habitação de interesse de social.

A Cota poderá ser isolada ou cumulativa, consistindo na produção de unidades de habitação no próprio empreendimento, na transferência não onerosa em favor do município de imóvel em áreas próximas para fins exclusivos de habitação de interesse social ou ainda na forma de um depósito ao FMHIS. Uma lei municipal específica precisará regulamentar a Cota (Artigos 65, 66 e 67);

Instituição de um projeto de regularização fundiária com parâmetros especiais para a urbanização de ocupações e priorização da permanência da população nos locais, e, no caso de necessidade reassentamento, com realocação no entorno imediato da área a ser esvaziada. Sem previsão, porém, de gratuidade de todo o processo de regularização, que é uma das atuais queixas dos movimentos por moradia (Art. 69);

### ***Segurança e Defesa Social***

#### **O que é**

Buscar garantir a proteção, a segurança pública e capacidade de previsão, defesa e acolhimento em situações de calamidade.

#### **Novidades**

Execução de políticas de segurança em âmbito municipal, com atuação direta da Guarda Municipal na prevenção à violência accidental (Art. 89, I);

Fortalecer a estrutura da Guarda Municipal como forma de garantir sua presença qualificada e suficiente em ambientes, eventos e situações de interação social, visando à prevenção primária da violência, priorizando a proteção à população em patrulhamento preventivo, cooperando com os órgãos estaduais de segurança e com a defesa civil (Art. 90, II);

Criar incentivo a gestão compartilhada da segurança na cidade, mediante mecanismos que facilitem e estimulem a utilização conjunta da estrutura de equipamentos e informações pelo poder público e pelo cidadão (Art. 90, IV). Uma possibilidade, nesse caso, é o de compartilhar imagens de monitoramento privado e público;

### ***Instrumentos de política urbana***

#### **O que são**

Servem para ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, e para o planejamento, controle, gestão e promoção do desenvolvimento urbano.

#### **Novidades**

Garantir a função social dos imóveis por meio da aplicação de mecanismos como o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) progressivo no tempo para propriedades não edificadas e subutilizadas – de 2 mil metros quadrados ou maiores –, ou ainda não utilizadas – por mais de três anos ininterruptos e com mais de 500 metros quadrados –,

situadas nos eixos estruturantes e de adensamento, entre outras regiões (Art. 96). Uma lei municipal específica, porém, ainda precisará ser feita para regulamentar as etapas e critérios mais específicos para a aplicação desses instrumentos;

Ficam indicadas novas áreas para a aplicação da operação urbana consorciada (instrumento que permite um conjunto de intervenções com a participação da sociedade civil): a área central, os eixos estruturantes em geral, o eixo de adensamento da Marechal Floriano e os setores conectores.

Antes só a Linha Verde era o foco das operações consorciadas. Nessas áreas poderão ser modificados os índices e características de parcelamento e uso de solo, os parâmetros para regularização de construções e a ampliação de espaço públicos e comunitários, além da oferta de habitação de interesse social.

As operações que foram aprovadas deverão ter lei específica, prevendo, entre outras coisas, um estudo de impacto de vizinhança para os empreendimentos e a exigência de uma contrapartida dos empresários que participarem em troca das vantagens oferecidas pelo município (Art. 123, 124 e 125);

Introdução do instrumento de redesenvolvimento urbano, que permitirá a implantação de projetos urbanos de reconhecido interesse público nos eixos estruturantes e de adensamento, nas operações consorciadas urbanas e no Setores Especiais de Habitação de Interesse Social (SEHIS). Entre as possibilidades de realização dos projetos de redesenvolvimento urbano estão as parcerias público-privadas (Art. 132 a 138);

### **Empresários querem construir mais nas ZRs 3 e 4. Dados indicam que há espaço para isso**

20/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

#### ***Discussões da revisão da Lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo pode mostrar que é possível verticalizar ainda mais a capital, aproveitando 100% do potencial dos terrenos***

O mercado está apostando nas discussões que virão após a aprovação do Plano Diretor, na revisão da Lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo, para convencer a prefeitura de Curitiba de que é possível verticalizar ainda mais a capital, aproveitando 100% do potencial dos terrenos e não só nos novos eixos estruturantes e de adensamento.

"Atualmente, apenas 30% dos domicílios na cidade são apartamentos, enquanto em Porto Alegre esse índice chega a quase 50% e em Florianópolis, a aproximadamente 40%. Isso quer dizer que, entre as capitais da Região Sul, Curitiba é a menos verticalizada", diz a presidente da Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário do Paraná (Ademi-PR), Aline Perussolo Soares.

Dados do Censo 2010 de Curitiba indicam que a densidade média da cidade é de 40,30 habitações por hectare. Os bairros mais densos são o Centro, o Água Verde e o Sítio Cercado, com 113,56 habitações por hectare, 107,74 habitações por hectare e 103,15 habitações por hectare, respectivamente.

O texto do novo Plano Diretor define que os eixos estruturantes poderão ter densidade de até 400 habitações por hectare e que os eixos de adensamento poderão ter até 200 habitações por hectare. Na comparação entre o presente e o futuro desenhado, percebe-se que há bastante espaço para as pretensões do setor imobiliário.

"As entidades pleiteiam a mudança da legislação de Uso do Solo, nas ZR-3 e ZR-4, permitindo a construção de empreendimentos comerciais utilizando todo o potencial do terreno". Hoje, as áreas ZR-3 permitem a construção de prédios residenciais de até

quatro andares e o comércio de vizinhança, e as áreas ZR-4 permitem a edificação de prédios de oito a dez andares e até indústrias sem efluentes.

O Ippuc parece ter aberto espaço para aceitar esta proposta do setor imobiliário ao declarar, no novo Plano Diretor, que a zona residencial de média densidade, que engloba as ZRs, passa a ser de ocupação mais mista. Bairros como Portão, Seminário, Santa Quitéria, Água Verde e Mercês estão entre os mais visados pelo mercado.

## **Editorial: Sem ilusão**

20/07/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

O objetivo de economizar R\$ 66 bilhões (1,1% do PIB) nas contas públicas (antes do pagamento de juros) neste ano está cada vez mais distante. Queda de arrecadação, dificuldades para aprovar medidas no Congresso Nacional e compromissos financeiros do passado tornaram o caminho do ajuste bem mais acidentado que o previsto.

Tem-se, na coleta de impostos, o pior desempenho em muito tempo. Até junho, houve retração real (descontada a inflação) de 2,9%, resultado direto da paralisia quase generalizada da atividade econômica. Já se projeta um encolhimento do PIB da ordem de 2%, sem que se descarte a continuidade desse quadro recessivo em 2016.

Os atritos entre o Executivo e o Legislativo também minam a confiança no ajuste. As medidas aprovadas tiveram seu alcance –e seu potencial de arrecadação– reduzido pelos congressistas, e a mais importante delas, o fim da desoneração da folha de pagamento, deve produzir efeitos somente a partir do ano que vem.

A administração da presidente Dilma Rousseff (PT) tenta acelerar a venda de ativos e as concessões de infraestrutura, mas será um processo lento. Como resultado, a poupança federal no primeiro semestre ficou perto de zero.

O desafio, agora, é revisar as metas de superavit sem comprometer a credibilidade do ajuste. Quanto a isso, há divergências no governo.

Como sustentou em entrevista a esta **Folha**, o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, prefere perseguir o objetivo inicial. Receia, com razão, que a mudança venha a passar a imagem equivocada de que o ajuste está concluído, quando a verdade seria justamente o oposto.

Seu colega Nelson Barbosa (Planejamento), por outro lado, defende a adoção de um intervalo para a meta, no intuito de acomodar oscilações da economia. Em momentos de maior dificuldade, o saldo ficaria no piso estabelecido.

Na teoria, seria mais aconselhável buscar um sacrifício maior, a fim de abreviar sua duração; na prática, revelou-se ilusória a pretensão de economizar 1,1% do PIB. À luz da baixa credibilidade do governo, porém, um regime como o sugerido por Barbosa faria pouco para resgatar a confiança de investidores.

O melhor, assim, é fixar uma meta realista para 2015 –talvez próxima a 0,6% do PIB– e cumpri-la. Deve-se, ademais, manter o objetivo de poupar nos anos vindouros.

De resto, caso não se promovam reformas para limitar a expansão dos gastos públicos, será impossível equilibrar o orçamento sem progressivo aumento de impostos.

O país não escapará de escolhas difíceis nos próximos anos. As despesas obrigatórias, entre as quais estão as da Previdência, sobem 0,4% do PIB ao ano de forma automática –ou seja, ao final do atual mandato presidencial, estarão 1,6% acima do nível de 2014.

Considerando a necessidade de elevar o saldo primário do patamar atual de zero para 2,5% do PIB só para estabilizar a dívida, o ajuste requerido nas contas monta a 4% do PIB. Eis o tamanho do desafio.

## **Tarifaço triplica calote na conta de luz**

20/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo



### **Expansão dos calotes nas faturas saltou de uma variação média de cerca de 6% no começo do ano para 17,35% em junho**

O tarifaço aplicado pelo governo nas contas de luz ao longo do primeiro semestre do ano triplicou o crescimento da inadimplência no setor. Com aumentos nas tarifas superiores a 50% em algumas regiões do país, a expansão dos calotes nas faturas saltou de uma variação média de cerca de 6% no começo do ano para 17,35% em junho, na comparação com os mesmos meses de 2014.

A preocupação das distribuidoras de energia é que esse problema resulte no crescimento de outro: os furtos de energia, popularmente conhecidos como "gatos".

De acordo com dados do SPC Brasil, a falta de pagamento de contas de luz já respondia por 6,47% das dívidas dos brasileiros no mês passado. Essa é a maior participação do setor no total de calotes desde quando a entidade passou a acompanhar os dados, em janeiro de 2010. Na época, os atrasos nas contas de luz representavam apenas 2,53% da inadimplência no país.

"Além do aumento nas tarifas, o cobertor está cada vez mais curto devido ao aperto na renda e à alta dos juros. Com isso, os consumidores estão atrasando até faturas essenciais, que acarretam o corte de serviço, como é o caso das contas de luz. Nesse cenário, é ainda mais importante que as famílias reavaliem seus orçamentos e economizem eletricidade, evitem o desperdício", avalia a economista-chefe do SPC Brasil, Marcela Kawauti.

### **Atrasos**

Pior do que o crescimento dos débitos em aberto no setor, as dívidas mais longas estão mais frequentes. O levantamento do SPC Brasil mostra que 71,98% dos atrasos nas faturas se referem a contas de luz vencidas há mais de 90 dias, prazo após o qual as companhias de eletricidade cortam o fornecimento.

E como se trata de um item básico nas residências, sempre que um movimento desses é detectado, ocorre um aumento nas chamadas "perdas não técnicas" de energia, ou seja, nos gatos nas redes.

"Esse é o pior dos mundos. Com a dívida acima de 90 dias, além do corte de energia o consumidor passa a ficar com o CPF negativado. E ele pode até conseguir fazer um gato na rede de luz, mas não consegue fazer um gato para comprar qualquer mercadoria a prazo", alerta Marcela.



Os dados mais recentes da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) mostram que a porcentagem desses gatos nas redes das elétricas vinha caindo lentamente ou mantendo-se constante entre 2010 e 2014 para praticamente todas as distribuidoras.

Cada região do país tem um porcentual diferente de furtos apurados pelas empresas, e a Região Norte apresenta os piores resultados. Mas como o tarifaço deste ano foi maior para os consumidores das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, as companhias temem uma deterioração dos indicadores de perdas nessas regiões, que hoje são as mais eficientes em conter os furtos.

### **Fiscalização**

Para a Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica (Abradee), as companhias precisam aumentar a fiscalização para que falta de pagamento não resulte em ainda mais prejuízo com o furto de eletricidade.

## **Crise econômica eleva em 67% o "êxodo" de brasileiros**

20/07/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

### ***Dados da Receita Federal indicam alta no número de Declarações de Saída Definitiva do país entre 2011 e 2015***

Entre os dias 2 e 26 de março, representantes da província canadense de Quebec fizeram uma turnê pelo Brasil para divulgar oportunidades de trabalho em carreiras muito específicas e recrutar mão de obra fluente em francês.

Visitaram sete cidades do Nordeste, Sudeste e Sul e se surpreenderam com a reação: em uma semana 140 mil brasileiros visitaram o site do órgão de migração, mostrando interesse em se mudar para o Quebec.

Números obtidos pelo GLOBO junto à Receita Federal confirmam que a emigração qualificada está em alta. Entre 2011 e 2015, o total de Declarações de Saída Definitiva do país — documento apresentado ao Fisco por quem emigra de vez — subiu 67%. Em 2011, a Receita recebeu 7.956 declarações, 21 para cada dia do ano. Em 2015, foram 13.288, numa média diária de 36 saídas.

"Esse número é apenas uma amostra pequena da realidade da emigração", diz Joaquim Adir, supervisor nacional de imposto de renda da Receita. "Mas reflete a saída de uma elite financeira e cultural, de pessoas que se preocupam em ficar quites com a Receita e que têm conhecimento da importância disso. Não entram aí os brasileiros que não têm bens ou rendimentos, como crianças e jovens, nem os que querem sair de forma ilegal. Essa emigração está em alta".

Os engenheiros José Wellington e Silvia Oliveira chegaram a Toronto, no Canadá, em abril. Levaram Julia, de 7 anos, e Nicolas, de 3. Em Belo Horizonte, a família tinha casa própria. Wellington trabalhava na área de mineração, e Silvia, na firma de avaliação de imóveis do pai. Nos últimos meses de 2013, a empresa de Wellington deu um alerta: diante da crise incipiente, não teria como manter toda a equipe a partir de agosto de 2014.

"Foi a gota d'água", diz Silvia. "Estávamos cansados da corrupção, da violência, do espírito do cada-um-por-si. A gente odeia o PT, o Lula, a Dilma. Vimos que o país estava afundando num buraco e que não havia luz no fim do túnel. Cada escândalo de corrupção que surgia solidificava nossa decisão. Então nos inscrevemos no programa canadense e passamos por um processo trabalhoso. Não digo que foi difícil. Só burocrático".

Desde que optou pelo “frio”, a família virou fonte de informação e observa um efeito dominó:

“Uma vez por semana alguém entra em contato conosco para perguntar como fizemos para migrar”, conta Sílvia. “Se o número da Receita está alto em 2015, vai ser pior em 2016”.

A Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (DAPP/FGV) está de olho nas causas e efeitos da migração no Brasil. Um grupo de pesquisadores lançará nos próximos meses um estudo que defende a criação de uma entidade migratória nos moldes do que existe no Canadá, na Austrália e na Alemanha.

“Esses países traçam o perfil do trabalhador que precisam e selecionam os imigrantes que interessam. O Brasil não tem política alguma”. diz a pesquisadora Bárbara Barbosa. “Está perdendo na briga por mão de obra qualificada e, em consequência, na corrida pelo desenvolvimento”.

“Hoje estão envolvidos na questão da migração o Ministério da Justiça, das Relações Exteriores, do Trabalho e a Polícia Federal”, completa a também pesquisadora Margareth Da Luz. “Não há uma coordenação, e nós estamos perdendo cérebros, o que é preocupante num momento de envelhecimento da população.

Em abril, a carioca Flávia Peres Sabagh e o marido, o paulista Márcio Ghiraldelli, ambos de 36 anos, trocaram São Paulo por Sydney, na Austrália. Estavam empregados quando tomaram a decisão de entrar no LinkedIn e disparar currículos. Viviam de aluguel. Ela era coordenadora de CRM em um banco. Ele, especialista em sistemas. Em poucos dias, Márcio recebeu uma proposta.

“A empresa que o contratou patrocinou o visto de trabalhador experiente e deu entrada no processo”, conta Flávia. “Só tivemos que enviar alguns documentos, fazer um exame de tórax e esperar algumas semanas”.

Flávia trabalha hoje como analista de data marketing numa revista, e Márcio é engenheiro de qualidade de software. A mudança dos dois tem relação não só com “a possibilidade de criar um filho num país de primeiro mundo e língua inglesa”, mas também com a crise instalada no Brasil.

“Estávamos muito preocupados com a desvalorização do real e a dificuldade das empresas em conseguir crédito. Isso, de maneira geral, torna as coisas mais difíceis aí”, diz Flávia.

O carioca Thiago Fonseca optou pela Filadélfia, nos Estados Unidos. Em maio, mudou-se para lá com a mulher, Juliana, e a filha, Maria Luisa. A família morava em casa própria, no Rio, e o casal, assim como os demais, estava empregado.

“Quero dar melhor qualidade de vida e proporcionar uma experiência diferente para minha família. Com a recessão no Brasil e o crescimento americano, foi mais fácil justificar junto à empresa minha transferência para os EUA”, diz Thiago.

A família ainda arruma a casa nova, mas já se surpreende com a quantidade de pessoas que dizem pensar seriamente em segui-los. Desde maio, ao menos dez já consultaram Thiago.

As três famílias lembram, no entanto, que emigrar não é fácil. Sílvia e Wellington aconselham “mente aberta”. Flávia e Márcio dizem que trabalhar numa língua não nativa é “cansativo”. Thiago fala da nova realidade das tarefas domésticas. E todos sentem o peso de estar longe da família e dos amigos.

### **Lei é aprovada no Senado**

Apesar de ser um país composto pela mistura de raças, o Brasil não tem uma Lei de Migração. Desde agosto de 1980, a norma vigente é o Estatuto do Estrangeiro, que, do ponto de vista de especialistas, está totalmente ultrapassado. Criado em meio à ditadura militar, o texto tem foco na segurança nacional e não nos direitos dos indivíduos que decidem morar no Brasil.

Em sessão realizada no último dia 2, no entanto, a Comissão de Relações Exteriores do Senado aprovou um projeto de lei, de autoria do senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP), que busca revogar o antigo texto e estabelecer a primeira Lei de Migração do país. Aprovado em caráter terminativo, a proposta segue para avaliação da Câmara dos Deputados.

No trajeto, no entanto, leva consigo uma polêmica: apesar de reduzir a burocracia para a concessão de vistos para investidores, estudantes e acadêmicos, o texto não prevê a criação de uma entidade migratória, como a que existe em países como Canadá e Austrália.

Essa era uma das principais propostas apresentadas pela comissão de especialistas que foi criada pelo Ministério da Justiça em 2013 para avaliar o assunto. O grupo fez sete reuniões e duas audiências públicas.

Em seguida, produziu um documento final em que destacou que: "a criação de um órgão estatal especializado para atendimento dos migrantes" seria um "elemento crucial" para o país. A entidade ficaria responsável pela produção de dados e pela formação de políticas públicas sobre migração.

"Canadá e Austrália são países que estão envelhecendo rápido. Cada vez há mais pessoas para serem sustentadas, e menos em idade de trabalho. Eles viram no recrutamento de estrangeiros um mecanismo para enfrentar isso, e o fazem de forma planejada. O Brasil não", lamenta o pesquisador da DAPP/FGV Wagner Oliveira. "Ainda não envelhecemos tanto, mas deveríamos entender a política migratória como uma oportunidade para resolver uma questão do futuro. Ter uma autoridade migratória é importante. Ela ficaria responsável por estabelecer diretrizes e ver o tipo de estrangeiro de que o país precisa".

### **Volkswagen usa tecnologia de videogame para aprimorar ergonomia em suas fábricas**

20/07/2015 - Fonte: CIMM

A Volkswagen do Brasil inova ao trazer para o setor automobilístico uma tecnologia que já é sucesso na indústria do entretenimento, mais precisamente dos games. A "Fábrica Digital" da Volkswagen do Brasil está utilizando esse recurso altamente tecnológico para garantir a ergonomia de novos postos de trabalho na linha de produção da empresa, além de aprimorar ainda mais a ergonomia de postos já existentes, mantendo sempre o bem-estar dos colaboradores.

O uso da tecnologia na produção automobilística é uma inovação da Volkswagen do Brasil que figura entre as melhores práticas do Grupo Volkswagen, em nível mundial.

A tecnologia de games permite avaliar a ergonomia dos postos de trabalho da produção. Durante as análises, um colaborador simula o mesmo movimento necessário no processo produtivo. Com uma câmera, são captadas as imagens do operador em movimento; essa tecnologia permite que os ergonomistas avaliem se os movimentos são ergonômicos.

Uma das principais vantagens é a praticidade de uso dessa tecnologia, cujo aparelho é transportado e montado facilmente, permitindo simulações rápidas. A utilização da tecnologia de games para aprimorar a ergonomia de postos de trabalho da produção da

empresa é uma inovação criada pela equipe de Engenharia de Manufatura da Volkswagen do Brasil.

“A Fábrica Digital é um dos grandes exemplos de inovação da Volkswagen do Brasil nas áreas de Engenharia de Manufatura e Ergonomia. A tecnologia permite digitalizar postos de trabalho da produção, avaliar a ergonomia com excelência e agilidade, para aperfeiçoá-la ainda mais, assegurando a produtividade, a saúde e o bem-estar dos colaboradores.

A ergonomia é um tema muito importante para a Volkswagen, uma vez que o homem é o principal elemento do sistema produtivo. A Fábrica Digital também permite planejar processos ainda mais eficientes, flexíveis e robustos, além de otimizar os existentes, aumentando a competitividade da empresa.

Aplicada com pioneirismo no Brasil, em 2008, a tecnologia da Fábrica Digital é utilizada por todas as marcas do Grupo Volkswagen”, afirmou o diretor de Engenharia de Manufatura da Volkswagen do Brasil, Celso Placeres.

### **Confira como é feita a análise ergonômica**

As imagens do colaborador são captadas e reproduzidas na tela do computador, já inseridas em uma cena virtual que simboliza a produção automobilística e reflete a realidade do ambiente de produção da empresa, inclusive com a linha de montagem e o veículo.

Em seguida, são informados aos softwares características da atividade, tais como peso da peça que está sendo manipulada, quantas vezes o operador repetirá aquele movimento por dia, seu campo de visão, postura, entre outras. Com base nesses dados, os softwares analisam como pode ser aprimorada ainda mais a ergonomia do posto de trabalho.

Os softwares trabalham com base em características comuns da população. “Apesar desse fator, os ergonomistas podem incluir dados antropométricos dos próprios empregados.

Dessa forma, a simulação também permite indicar quais são as alturas mínima e máxima para cada posto de trabalho, de forma que os processos atendam a maioria dos colaboradores. Outro ponto que contribui com a qualidade da simulação é que se trata de uma pessoa fazendo um movimento real, dentro das possibilidades e limitações humanas.

Na simulação, o ergonomista consegue avaliar detalhes da interação do homem com o processo produtivo e com as máquinas”, afirmou o responsável pela área de Ergonomia Corporativa da Volkswagen do Brasil, Dr. Rodrigo Filus.

A agilidade é outro importante ganho proporcionado pela nova tecnologia de análise da ergonomia. Antes, a mesma cena do processo produtivo levaria aproximadamente três horas para ser montada manualmente no computador, com uso de personagens virtuais.

Um exemplo de resultado dos estudos de simulação de ergonomia é o equipamento Raku-raku, utilizado na Montagem Final da Volkswagen do Brasil.

Trata-se de uma cadeira ajustada e apoiada em um suporte móvel que “carrega” o operário para dentro do veículo, para que ele possa montar as peças internas sem precisar fazer esforços para se movimentar.

### **Cases evitaram gastos de R\$ 93 milhões**

A “Fábrica Digital” da Volkswagen do Brasil, ao simular virtualmente processos produtivos antes de implementá-los fisicamente, já permitiu que a empresa evitasse erros no processo que demandassem correções posteriores.

Ao somar apenas cinco "cases" recentes de sucesso da "Fábrica Digital", implementados entre janeiro de 2011 e dezembro de 2013, foi evitado um total de gastos da ordem de R\$ 93 milhões. Esses cinco cases são:

- Ampliação da fábrica de motores de São Carlos, para receber a produção da nova família de motores EA211.
- Construção da Nova Pintura da fábrica da Volkswagen do Brasil em Taubaté. A área teve 296 possíveis interferências detectadas durante as simulações feitas pela "Fábrica Digital".
- Nova Prensa PXL da unidade de Taubaté, que possibilita usar uma ferramenta para estampar simultaneamente quatro portas do veículo up!
- Armação da fábrica Anchieta da Volkswagen do Brasil, em São Bernardo do Campo, na qual a simulação auxiliou nos trabalhos de flexibilidade, permitindo que área esteja apta a produzir vários modelos.
- Estamparia da fábrica Anchieta, que substituiu mãos mecânicas por robôs.

### **Simulações virtuais tornam empresa mais competitiva**

As simulações virtuais da "Fábrica Digital" da Volkswagen do Brasil aumentam a competitividade da empresa em diversos aspectos. Entre os principais ganhos estão:

- Possibilidade de identificar futuras interferências na produção: em 100% dos casos.
- Otimização do fluxo produtivo: em até 80%.
- Otimização do fluxo logístico: em até 70%.
- Redução do tempo de planejamento: em até 30%.
- Redução de insumos: em até 30%.
- Redução de custos de fabricação: em até 20%

## **Confiança do empresário industrial atinge em julho pior nível em 16 anos**

20/07/2015 - Fonte: CIMM

Sem sinais de recuperação da economia brasileira, o pessimismo da indústria nacional já é o maior em 16 anos. Após três meses sem quedas, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) voltou a cair em julho e chegou ao pior nível desde de 1999, de acordo com dados divulgados nesta sexta-feira (17) pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

O indicador recuou 1,7 ponto em relação ao mês passado e chegou a 37,2 pontos, o menor patamar desde que a pesquisa começou a ser feita pela entidade. Pela metodologia utilizada pela CNI, os valores abaixo de 50 pontos representam pessimismo e, quanto menor o resultado, piores são as perspectivas dos empresários em relação à economia.

Para se ter uma ideia do mal momento para o setor, a média histórica do Icei é de 55,9 pontos, ou seja, os empresários normalmente estão mais otimistas que pessimistas em relação aos negócios da indústria.

Dentre as variáveis que compõem o Icei, o Índice de Condições Atuais recuou 2 pontos de junho para julho e chegou a 27,6 pontos, também o resultado mais baixo da série histórica do indicador. A avaliação do empresariado sobre a economia nacional é ainda pior, com 19,4 pontos, enquanto a pontuação dada à situação atual das próprias empresas ficou em 31,7 pontos.

Da mesma forma, o Índice de Expectativas recuou 1,6 ponto na pesquisa mais recente, ficando em 42 pontos. Esse resultado mostra que a deterioração da avaliação das condições atuais da economia e do setor também amplia o pessimismo dos empresários para os próximos seis meses.

Em relação à atividade no País, o indicador que projeta o próximo semestre recuou para 32,9 pontos em julho. Nas estimativas feitas para a evolução dos próprios negócios à frente, o indicador caiu para 46,7 pontos. Para elaborar o Icei de julho, a CNI ouviu 2.951 empresas, sendo 1.159 pequenas, 1.116 médias e 676 grandes. Os dados foram recolhidos entre os dias 1º e 13 deste mês.

## Emprego industrial fecha primeiros cinco meses do ano com queda de 5%

20/07/2015 - Fonte: CIMM

O emprego industrial no Brasil acumulou retração de 5% de janeiro a maio deste ano, informou hoje (17) o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados fazem parte da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário na Indústria.

O emprego industrial fechou o mês de maio deste ano com queda de 1%, em relação a abril, o quinto resultado negativo consecutivo nesta base de comparação. A queda atingiu 5,8% na comparação com maio do ano passado.

Com isso, no ano, o acumulado de diminuição do pessoal ocupado atingiu 4,4%, nos últimos 12 meses. O recuo nesse mês foi o mais intenso desde fevereiro de 2009, quando a taxa de pessoal ocupado assalariado atingiu queda de 1,3%.

O número de horas pagas também teve taxas negativas nas seguintes comparações: queda de 1,3% em relação a abril deste ano; de 6,6% em comparação a maio de 2014; e de 5,6% no ano.

## Aços especiais e impressão 3D atraem setor automotivo

20/07/2015 - Fonte: CIMM



Enquanto a indústria automobilística avança no projeto e manufatura de seus produtos, um dos principais desafios para designers e engenheiros é obter ganhos na área de processos e materiais, com a busca de insumos de melhor desempenho, mais leves, para reduzir peso e consumo de combustível, ou capazes de acelerar processos de fabricação.

A Ford dá o exemplo dessa corrida em pesquisa e desenvolvimento: venceu as 24 Horas de Daytona deste ano, com a equipe Chip Ganassi, nos Estados Unidos, usando um coletor de admissão feito em impressora 3D no motor EcoBoost 3.5, utilizando difusores de fibra de carbono.

A impressão 3D progride, conquistando novas aplicações, embora ainda ocorram dificuldades para implementar a produção em massa com materiais sofisticados.

As novidades são boas também nas áreas de metais, plásticos, borracha, vidro e fibras naturais – como demonstra o caderno especial sobre materiais publicado na edição de junho da revista **Automotive Business** (leia [aqui](#) a versão digital).

Os aços especiais estão em destaque. “Hoje temos no Brasil aços com resistência de até 1.500 megapascals, que é o nível disponível em qualquer parte do mundo”, disse Jesse

Paegle, responsável pela organização do Simpósio SAE Brasil Car Body 2015, realizado em junho no IPT, Instituto de Pesquisas Tecnológicas, em São Paulo.

Hoje, segundo a SAE Brasil, uma carroceria tem 8% a 10% de aços de alta resistência embarcados. No próximo grande volume de lançamentos, que deve ocorrer entre 2018 e 2020, o percentual deverá chegar a 25% em virtude das demandas por redução de peso e melhoria de desempenho e segurança.

O alumínio também conquista aplicações nos novos veículos, tornando-se uma alternativa para redução de peso e contribuindo para ganhos de eficiência energética. Victor Breguncci, coordenador do Comitê de Transportes da Associação Brasileira do Alumínio (Abal) revela que na última década o consumo doméstico de alumínio em automóveis cresceu em média 3,5% ao ano e garante que existe um mercado potencial enorme a ser explorado.

Devem contribuir para essa evolução a chegada de montadoras premium como Audi, BMW, Mercedes-Benz e Land Rover, que tendem a adotar o alumínio nos veículos produzidos no País. A Abal observa também que o Inovar-Auto já traz benefícios para o setor, com a migração de blocos de motor para o material, que é mais leve do que o aço.

## **TESTE DE DESEMPENHO**

Os artigos na revista Automotive Business apontam a evolução das matérias-primas automotivas e também como avaliar seu desempenho por meio de instrumentos de teste, como equipamentos para metrologia, com perfilômetro, rugosímetro e autocolimadores. Avaliar o acabamento de materiais e componentes ou sua resistência às intempéries, fazer medições com precisão, determinar a composição ou fotografar um processo de forma ultrarrápida.

Essas são especialidades das empresas filiadas à Ametek, fabricante global de instrumentos eletrônicos e eletromecânicos com sede em Indaiatuba (SP). A maioria dos equipamentos comercializados pela empresa é importada e atende os mercados automotivo, de óleo e gás, energia, aeroespacial e defesa, além de universidades e laboratórios de pesquisa e desenvolvimento.

“Distribuímos equipamentos voltados para instrumentação analítica de processos, teste, calibração e medição”, esclarece Graziela Giusti, gerente de marketing e desenvolvimento de negócios da Ametek.

O grupo é constituído por empresas como a Vision Research (câmaras digitais de alta velocidade e ultra slow motion), Spectro (instrumentação espectroscópica atômica, para analisar a composição elementar de sólidos e líquidos), Atlas (equipamentos para simular condições climáticas, reproduzindo orvalho, chuva ou névoa de forma acelerada), Edax (espectrometria), Zygo (instrumentos de metrologia óptica) e Taylor Hobson (metrologia).

A Taylor Hobson fornece sistemas de medição para montadoras e autopeças utilizarem na avaliação do acabamento de superfícies e formas circulares, determinando a rugosidade. “Os equipamentos que oferecemos são trazidos da Inglaterra”, explica o gerente Marcello Bulhões Montagnana.

As principais aplicações estão em peças pintadas e componentes do powertrain, como motor e transmissão.

Outro cliente importante para a empresa são instituições de ensino e pesquisa, incluindo laboratórios.

Como regra geral, equipamentos de pequeno porte estão disponíveis para pronta entrega, enquanto os maiores exigem prazos de 30 a 120 dias para chegar do exterior.

### **RESISTÊNCIA ÀS INTEMPÉRIES**

A Atlas, que a exemplo da Taylor Hobson atua no Brasil sob o guarda-chuva da Ametek, fornece equipamentos para realização de ensaios que simulam a resistência e o comportamento de materiais sob o efeito do meio ambiente.

No País, os principais clientes são laboratórios especializados que atendem as montadoras e empresas de autopeças.

No exterior, a centenária Atlas se encarrega, muitas vezes, de conduzir os próprios ensaios, que podem ser feitos em condições normais ou aceleradas, sob condições severas de intemperismo, reproduzindo por exemplo climas desérticos ou glaciais.

“Praticamente todos os materiais utilizados pela indústria automobilística precisam ser avaliados para previsão de sua aplicação nos veículos”, observa Ronaldo Tezuka, gerente da empresa. Calor, umidade e radiações solares afetam vidros, borrachas, plásticos, metais e tecidos utilizados em bancos e painéis.

Assim como os equipamentos da Taylor Hobson, os produtos da Atlas são importados e, como regra geral, não têm similares nacionais.

O processo de importação leva cerca de três meses e não escapa da burocracia alfandegária para compras no exterior.

### **Audi iniciará produção do A3 no Brasil em setembro**

20/07/2015 - Fonte: Usinagem Brasil



A fábrica de veículos da Audi em São José dos Pinhais (PR) entrará em operação no mês de setembro. A linha de produção está em fase final de implementação. A planta dará início a produção local com a fabricação nacional do A3 Sedan com motor 1.4 TFSI. Será o primeiro veículo da marca no mundo com motorização flex.

O segundo modelo a entrar em produção será o Q3, a partir de 2016. A planta brasileira, na qual estão sendo investidos cerca de R\$ 500 milhões, terá capacidade de produção total do A3 Sedan e do Q3 de 26 mil unidades por ano. Será a nona fábrica da marca alemã no mundo, que conta com duas fábricas na Alemanha, em Ingolstadt e Neckarsulm, na Hungria, China, Bélgica, Índia, Eslováquia e Espanha.

Até 2020, a Audi planeja produzir mais de dois milhões de carros, a cada ano, para seus clientes em todo o mundo. Para alcançar esse objetivo, a empresa está expandindo significativamente a sua rede de produção fora da Europa, além de suas principais unidades de produção na Alemanha e na Hungria. Entre 2014 e 2015, a marca está



investindo cerca de 11 bilhões de 2015, principalmente em novos produtos e tecnologias sustentáveis.

## **Posidonia investe US\$ 100 milhões para combater crise**

20/07/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

Para combater a crise, a companhia nacional de navegação Posidonia decidiu adotar estratégia pouco convencional em períodos de recessão econômica: vai investir cerca de US\$ 100 milhões nos próximos cinco anos.

A empresa, especializada no transporte de cargas pela costa brasileira (cabotagem) e longo curso, pretende utilizar esses recursos basicamente para a construção, aquisição e afretamento de novas embarcações.

Na avaliação da empresa, com a ampliação da frota, terá condições de melhorar sua competitividade, oferecer serviços com menores custos e dobrar sua participação no mercado até 2020.

“É um plano ousado e ambicioso, ainda mais com o cenário adverso que enfrentamos”, comenta Abraão Salomão, sócio da Posidonia.

“Temos de investir para combater a crise. É a melhor alternativa para ampliarmos nossa presença e a oferta de nossos serviços. Com mais embarcações disponíveis, temos a oportunidade de disputar mais negócios com nossos concorrentes”.

Parte desses recursos já está sendo utilizada para a incorporação de duas embarcações à frota da empresa. O primeiro é o barco de apoio e produção de Óleo e Gás, do tipo AHTS 7000, de bandeira brasileira.

Adquirido recentemente pela Posidonia por cerca de US\$ 3 milhões, a embarcação passou por ampla reforma.

Toda sua estrutura foi modernizada e reforçada para atender a todos os requisitos necessários de segurança e eficiência operacional. A expectativa é de que o barco esteja em operação dentro de 60 dias.

“É mais um investimento importante que fazemos em curto prazo para ampliarmos nossa presença no mercado nacional e especialmente no segmento de óleo e gás.

Essa aquisição vai gerar enorme economia em afretamento, com potencial para desenvolver novos negócios”, detalha Salomão.

A outra embarcação que chega para compor a frota é a P. Fenix. Afretado pela companhia, o navio de carga geral tem capacidade para transportar 2,7 mil toneladas e será utilizado para remessa de cargas secas unitizadas e especializadas de projetos de infraestrutura.

Em outra frente, a Posidonia também planeja construir três navios com capacidade de até 15 mil toneladas a partir do próximo ano. Cada embarcação consumirá cerca de US\$ 27 milhões de investimento, com parte bancada pelo Fundo de Marinha Mercante (FMM).

Recentemente a companhia também anunciou a construção do multipropósito Posidonia Bravo, com aporte de US\$ 17 milhões.

O navio, que está em produção no Rio Grande do Sul, tem capacidade para transportar 2,7 mil toneladas e atender a demanda de cargas especializadas para os projetos de infraestrutura. Deve entrar em operação no segundo trimestre de 2016.

Com a ampliação da frota, a Posidonia projeta encerrar o ano com faturamento de R\$ 70 milhões. "Estamos otimistas. Estas duas embarcações trarão novo fôlego ao nosso negócio. Estimamos triplicar nosso faturamento até 2020 com estas e outras ações", revela Salomão.

No primeiro semestre deste ano o volume de carga transportada pela Posidonia chegou a 230 mil toneladas. Com a chegada das novas embarcações, o volume deve aumentar consideravelmente.

"Estimamos chegar até o final deste ano com cerca de 1,2 milhão de toneladas de volume de carga transportada", prevê.

A Posidonia atua em cinco segmentos estratégicos: armação, administração e operação de navios (ship management); transporte feeder de contêineres; transporte de granéis sólidos e líquidos; transporte de carga geral e veículos e operação de apoio marítimo.

A companhia nasceu em julho de 2010 na cidade do Rio de Janeiro, mas deu início às operações em abril de 2013.

A empresa emprega hoje cerca de 100 funcionários, entre pessoal embarcado e em solo. Entre os principais clientes estão a Raízen, Trafigura, DHL, Deugro, Bertling e MSC.

## **BNDES financiará produção de 19 locomotivas da GE**

20/07/2015 - Fonte: Usinagem Brasil



O BNDES vai financiar a fabricação de 19 locomotivas da GE, que serão produzidas em Contagem (MG). O financiamento de R\$ 70,5 milhões, que será realizado no âmbito do Programa de Sustentação do Investimento (BNDES PSI), corresponde a 50% do total do projeto.

As locomotivas modelo GE AC 44i serão adquiridas pela VLI Multimodal S.A (12 locomotivas) e pela Rumo Logística Operacional Multimodal S.A. (7 locomotivas).

De acordo com o banco estatal, o projeto estimula a indústria nacional de máquinas e equipamentos do setor de logística ferroviária, que apresentou um salto de investimentos nos últimos anos.

De 2007 a 2014, o BNDES aprovou 24 projetos de investimento em ferrovias, no valor total de R\$ 17,3 bilhões. Deste montante, cerca de R\$ 3,4 bilhões foram para a produção e/ou aquisição de 485 locomotivas para utilização no País.

**LOCOMOTIVAS COM FINAME** - As locomotivas Evolution ES43BBi, que estão sendo nacionalizadas pela GE, também passarão a contar com financiamento Finame. Com 40% de conteúdo nacional e meta de alcançar 60% até o final de 2017, a nova locomotiva foi projetada por engenheiros brasileiros considerando as características únicas das ferrovias de bitola métrica do país, que hoje representam 80% da malha ferroviária nacional.

“O projeto de nacionalização da Evolution ES43BBI segue um formato diferente dos demais projetos que realizamos nos últimos anos”, explica João Luiz Rezende, gerente de Projetos da GE Transportation, comparando o processo atual com o de nacionalização dos modelos Dash 9 e AC44.

“Estamos iniciando o projeto atual do zero, o que significa que estamos integrando diferentes tecnologias e diversificando nossa lista de fornecedores a fim de atender às especificidades do planejamento estabelecido e, paralelamente, entregar ao mercado um modelo inovador e com grandes diferenciais tecnológicos”, complementa.

O projeto de nacionalização da máquina está dividido em três frentes principais: integração dos times de engenharia e projetos de diferentes países para atuarem em parceria com o time da GE Transportation no Brasil; atração de fornecedores locais e globais para atuarem em parceria com a empresa na composição do novo modelo de locomotiva; e atração e qualificação de mão de obra local para atuar na linha de montagem do novo modelo na fábrica da companhia em Contagem (MG).

Ao todo, mais de 120 profissionais da GE Transportation no Brasil, Estados Unidos, Rússia e Índia estão envolvidos no projeto de nacionalização da Evolution ES43BBI.

Paralelamente, segundo estimativa da fabricante, de 10 a 15 novos fornecedores, entre empresas nacionais e globais, devem se juntar à cadeia de suprimentos da GE visando atender ao cronograma de nacionalização do novo modelo de locomotiva.

Para expandir sua cadeia de suprimentos, a GE tem buscado parcerias com alguns de seus fornecedores globais, porém ainda sem atuação no mercado ferroviário brasileiro, e com empresas nacionais com atuação em outros segmentos, como mineração e petróleo e gás.

Para essas empresas, a entrada no mercado ferroviário garante estabilidade e competitividade para o caso de haver flutuações ou incertezas em seus mercados primários, pontua Rezende.

## **Servidores do INSS em São Paulo rejeitam proposta e mantêm paralisação**

20/07/2015 - Fonte: Agência Brasil

Servidores do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) de São Paulo decidiram hoje (17), em assembleia da categoria, permanecer em greve. A paralisação, iniciada no dia 7, continuará pelo menos até a próxima sexta-feira (24), quando está agendada nova assembleia.

A diretora do Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência no Estado de São Paulo (Sinsprev), Thaize Antunes, informou que os trabalhadores rejeitaram a proposta de reajuste de 21,3%, dividido em quatro anos. A categoria reivindica reajuste de 27,6% em uma única parcela.

“O que o governo oferece dá menos de 5% [ao ano]. Avaliamos que é muito negativo, porque não repõe sequer a inflação, que este ano deve chegar a 9%. Nossa proposta é 27,6% em uma única vez. Isso é a reposição da inflação de três anos para trás, período em que não tivemos aumento”, disse Thaize no encerramento da assembleia.

Os trabalhadores reivindicam também a incorporação das gratificações. Para Thaize, 70% do salário dos servidores são de gratificações vinculadas à produtividade. Segundo ela, caso o funcionário não atinja metas, pode ter o salário reduzido.

A informação do INSS aos segurados é que as datas de atendimento serão remar cadas pela própria agência. Dúvidas podem ser esclarecidas pelo telefone 135.

Em nota, o INSS informou que considerará a data originalmente agendada como a de entrada do requerimento, "de modo a evitar qualquer prejuízo financeiro nos benefícios dos segurados".

Em comunicado divulgado ontem (16), o Ministério da Previdência Social informou "que tem baseado a relação com os servidores no respeito, diálogo e na compreensão da importância do papel da categoria no reconhecimento dos direitos da clientela previdenciária e, por isso, mantém as portas abertas às suas entidades representativas para construção de uma solução que contemple o interesse de todos."

## **Fator previdenciário: um mal necessário?**

20/07/2015 - Fonte: GS Notícias

No último dia 17 de junho, a Dilma Rousseff editou a Medida Provisória n.º676/15, criando a Fórmula 85/95 para a concessão da aposentadoria por tempo de contribuição.

O fator previdenciário é o resultado de uma equação que leva em consideração o tempo de contribuição, a idade do segurado e sua expectativa de sobrevida, segundo dados anuais divulgados pelo IBGE.

A fórmula foi criada sob a argumentação do Governo de que os Cofres da Seguridade Social apresentavam forte desequilíbrio entre as receitas e despesas, uma vez que a população estava envelhecendo e, portanto, usufruindo da aposentadoria por mais tempo.

A maior indignação dos aposentados com relação à equação é que, mesmo após a chegada da sua tão sonhada aposentadoria, depois de 30 anos de trabalho para mulher e 35 anos para o homem, há uma expressiva redução do valor do benefício, caso sua idade seja considerada baixa com relação à expectativa de vida.

A Medida Provisória criou uma alternativa ao fator previdenciário, possibilitando a sua exclusão na hipótese em que, somando-se a idade e o tempo de contribuição, o resultado, para o homem, chegue a 95 pontos e, para mulher, a 85 pontos.

É importante destacar que o fator previdenciário continua existindo. Surgiu apenas a possibilidade do segurado, eventualmente, escolher entre se aposentar antes com a incidência do fator previdenciário ou aguardar mais tempo para atingir a pontuação necessária para a exclusão do fator.

Agora pergunta-se: A fórmula 85/95 foi benéfica ao segurado? Seria melhor manter o fator previdenciário?

A fórmula 85/95 foi um dos maiores golpes dados nos segurados da Previdência Social. A melhor solução seria a exclusão do fator previdenciário e também a retirada de qualquer limitador para a concessão do benefício de aposentadoria por tempo de contribuição.

Caso seja excluído o fator previdenciário e estipulada somente uma idade mínima para a concessão da aposentadoria, será retirado do segurado o seu direito de escolha, entre se aposentar precocemente com uma aposentadoria menor, ou se manter no sistema em busca de um benefício com um valor maior.

A solução apresentada com a Medida Provisória se distancia da realidade do Brasil, uma vez que a maior parte da população ingressa no trabalho com pouca idade e abrem mão, inclusive, dos seus estudos, de tal sorte que imputar a essa grande maioria a obrigação de arcar por mais tempo com os cofres da Seguridade Social, é afastar qualquer ideal de justiça, igualdade e a busca de um patamar mínimo civilizatório: a dignidade da pessoa humana!

(Priscilla Milena Simonato de Migueli é professora de Direito Previdenciário da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo)

## **Emprego formal tem pior desempenho para fevereiro em 16 anos**

20/07/2015 - Fonte: GS Notícias

A economia brasileira seguiu demitindo no segundo mês de 2015. Segundo informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o país fechou 2.415 vagas de emprego formal em fevereiro.

É o pior resultado para meses de fevereiro desde 1999 – ou seja, em dezesseis anos – quando foram fechados 78.030 empregos com carteira assinada. O fechamento de vagas em fevereiro, portanto, foi pior até mesmo do que o ano de 2009 – momento no qual a economia brasileira enfrentava os efeitos da crise financeira internacional, cujo início foi marcado pelo anúncio de concordata do banco norte-americano Lehman Brothers em setembro de 2008.

Em fevereiro do ano passado, houve a criação de 260.823 empregos formais no país. Em janeiro deste ano, o Brasil perdeu 81 mil vagas de emprego formal.

Apesar da queda do emprego formal em fevereiro deste ano, o ministro do Trabalho, Manoel Dias, considera que isso é um sinal de "estabilidade".

"Tivemos algumas áreas com mais perdas, como construção civil e comércio, mas tivemos recuperação em serviços", declarou ele. Acrescentou que o orçamento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) é de R\$ 56,5 bilhões para a construção de moradias para a população de baixa renda neste ano. "Este valor vai ensejar a construção de 545 mil unidades, com a criação de 2,5 milhões de empregos", declarou ele.

O ministro Manoel Dias avaliou ainda que o resultado de fevereiro "não foi excepcional". "Queríamos crescimento. Foi bom porque estabilizou", disse ele, lembrando que em janeiro foram fechadas 81 mil vagas formais.

Segundo ele, é "impossível", neste momento, fazer uma previsão para o resultado do emprego formal em 2015. "Precisamos do primeiro semestre para ver uma reação disso. O aumento do dólar ajuda o Brasil, do ponto de vista da valorização do produto nacional", acrescentou ele.

### **Setores**

Segundo dados oficiais, o setor de comércio registrou o fechamento de 30.354 postos em fevereiro deste ano, ao mesmo tempo em que a construção civil teve 25.823 demissões no mês passado.

"No setor de construção, já teve influência da operação Lava Jato [que apura irregularidades em contratos da Petrobras]", declarou Manoel Dias. Segundo ele, isso tende a melhorar, porque a "Petrobras não pode parar e o Brasil também não". "Mas, em certo ponto, vai pesar [a operação Lava Jato]", admitiu.

O setor de serviços registrou a contratação de 52.261 postos no mês passado, segundo o [Ministério do Trabalho](#). A indústria de transformação, por sua vez, contratou 2.001 trabalhadores com carteira assinada em fevereiro.

Já a agricultura teve o fechamento de 9.471 postos de trabalho em fevereiro, enquanto a administração pública abriu 10.541 vagas formais. A indústria extrativa mineral fechou 1.260 empregos em fevereiro.

## **Regiões do país**

Segundo o Ministério do Trabalho, houve o registro de demissões em três das cinco regiões do país em janeiro deste ano.

A região Sul abriu 23.902 postos formais em fevereiro, ao mesmo tempo em que o Centro-Oeste registrou a contratação de 10.781 trabalhadores com carteira assinada no segundo mês de 2015.

No Sudeste, que geralmente lidera as contratações no país, porém, foram fechadas 4.846 vagas formais em fevereiro deste ano.

Essa redução foi atribuída, principalmente, ao desempenho negativo do Rio de Janeiro (-11.101 postos).

Já a região Nordeste fechou 27.528 postos formais no mês passado, enquanto que a região Norte registrou 4.724 demissões no mesmo período.

## **Primeiro bimestre**

No acumulado do primeiro bimestre deste ano, foram fechados 80.732 empregos formais, o que representa forte piora em relação ao mesmo período do ano passado, quando foram abertas 302.190 empregos com carteira assinada.

Este é o pior resultado para os dois primeiros meses do ano desde 2009, quando foram fechadas 84.415 empregos com carteira assinada.

Os números de criação de empregos formais do primeiro bimestre, e de igual período dos últimos anos, foram ajustados para incorporar as informações enviadas pelas empresas fora do prazo no mês de janeiro. Os dados de fevereiro ainda são considerados sem ajuste

## **Mercado prevê queda de 1,70% do PIB em 2015 e recuperação menor em 2016**

20/07/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

O mercado ampliou a previsão para a queda do PIB em 2015 para 1,70% segundo o centro das estimativas (mediana). Há uma semana, a expectativa era de retração de 1,50%.

O dado faz parte do boletim Focus, pesquisa realizada semanalmente pelo Banco Central entre economistas e instituições financeiras.

A previsão para o crescimento em 2016 também teve ajuste para baixo e ficou em 0,33%. Há uma semana, esperava-se crescimento de 0,5%.

A previsão para a inflação sofreu um leve ajuste para cima e ficou em 9,15% para o ano. Há uma semana, esperava-se 9,12%.

Para 2016, prevê-se inflação de 5,40%. Há uma semana, esperava-se de 5,50%.

## **SELIC E CÂMBIO**

A taxa de juros Selic anual para o fim de 2015 ficou em 14,50%, segundo as previsões, o mesmo valor da semana anterior.

Para 2016, no entanto, prevê-se uma queda maior da Selic, que iria para 12% —há uma semana, previa-se uma Selic em 12,25%.

Para o fim de 2015, a taxa de câmbio deve ficar em R\$ 3,23, a mesma expectativa da semana anterior.

Para 2016, espera-se uma taxa de câmbio em R\$ 3,40, também a mesma expectativa da semana anterior.

## **Aprovado crédito para exportações de micro e pequenas empresas**

20/07/2015 - Fonte: Portal Brasil

O Ministério da Fazenda emitiu nesta terça-feira (14) os primeiros certificados de garantia de cobertura para Micro, Pequenas e Médias Empresas (MPMEs) realizarem operações de exportação.

A atuação da União via Seguro de Crédito à Exportação facilitará o processo das empresas com faturamento reduzido. As primeiras operações aprovadas possuem valor total de USD 606.146,00. A demanda de seguro para exportações pelo segmento ainda não é plenamente atendida pelo mercado privado.

Atualmente a cobertura da União está disponível para o financiamento à comercialização, a modalidade pós-embarque.

A cobertura do financiamento à produção (pré-embarque) está em discussão com as instituições financeiras interessadas. Neste caso, como se trata de um empréstimo à produção, haverá a participação de instituição financeira no processo.

Para ter acesso à cobertura da União, o exportador deve se cadastrar no sítio eletrônico da Agência Brasileira Gestora de Fundos Garantidores e Garantias S.A (ABGF) na modalidade Micro e Pequena Empresa.

As regras para ser elegível são faturamento anual inferior a R\$ 90 milhões e exportações anuais inferiores a US\$ 3 milhões. Não há qualquer restrição a setores e o apoio é válido para produção de bens e prestação de serviços. Deve-se, no entanto, apresentar informações cadastrais para análise de risco do importador.

### **Repasse**

Quanto ao recebimento dos recursos, o exportador pode optar entre utilizar financiamento bancário ou aguardar o prazo oferecido ao importador. No primeiro caso, o banco cobrará uma taxa de desconto para que o exportador receba à vista. Alternativamente, o exportador recebe a cobertura da União e aguarda o prazo acordado com o importador, sem necessidade de envolvimento de instituições financeiras.

Nas primeiras coberturas aprovadas houve tantas operações sem financiamento bancário quanto com participação de instituições financeiras, via Banco do Brasil. A pauta de exportação incluiu produtos como pallets de madeira, tecidos e granitos destinados a empresas privadas em países como Estados Unidos, México e República Dominicana.

## **Empresas veem oportunidades para melhorar negócio mesmo na crise**

20/07/2015 - Fonte: Portal Contábil

No dia a dia empresarial, os números do 3º Termômetro Empresa LIDE Pernambuco/Ibope se refletem em atitudes que envolvem mudanças nas rotinas, como cortes de custos e foco maior no aumento da produtividade, deixando as demissões como último recurso, uma vez que na maior parte das vezes houve investimento na formação do profissional.

A pesquisa mostra que 77% dos 200 entrevistados consideram o cenário político brasileiro o tema mais preocupante para a economia este ano. Há empresários que conseguem manter o otimismo para enxergar, inclusive, oportunidades de melhorar o negócio.

Diretor da Shineray no Brasil e conselheiro de Gestão do LIDE-PE, Paulo Perez diz que o corte de gastos em períodos de aperto econômico precisa ser generalizado. "É aquela 'economia de guerra', do papel da impressora ao metro quadrado utilizado", esclarece.

Para ele, essa é uma postura impositiva para quem trabalha com preços enxutos: "É preciso trabalhar com a redução de despesas internas, incentivando a eficiência e administrar muito bem a logística".

Para ele, a redução de despesas é ferramenta indispensável em tempos de aperto. E também é uma das lições ensinadas por esse novo quadro recessivo - o primeiro desde o fim dos anos 1990, na fase pós-Plano Real: atenção aos custos e a valorização da produtividade e de bons profissionais não deve ser uma reação à crise, mas sim parte da cultura da empresa.

Na trading Twenty Six, o presidente Alex Brenneken, que também é conselheiro de Gestão do LIDE-PE, é outro que avalia onde pode melhorar desempenhos. "Olhamos para dentro da empresa e avalia.

Cortamos aqui, investimos ali. Podemos inclusive contratar, como contratamos uma pessoa para o departamento comercial", diz Brenneken, que trouxe um novo profissional à equipe porque o mercado de trabalho também se tornou mais aberto às propostas das empresas.

O empresário frisa que crises trazem consigo novas oportunidades, mas é preciso buscá-las. "Encontramos novas ferramentas e recursos para nós e novos produtos para nossos clientes", garante. Uma atitude que se reflete nos resultados. A previsão é que a Twenty Six feche 2015 pelo menos com estabilidade em relação a 2014, mas Brenneken também trabalha com cenário de crescimento.

Os empresários lembram ainda que a visão de longo prazo é outro recurso que não pode ser deixado de lado. A Shineray, por exemplo, inaugurou no mês passado uma fábrica no Complexo Industrial Portuário de Suape que recebeu investimentos de R\$ 130 milhões.

"Vínhamos embalados no investimento e, se parássemos, perderíamos mais. No entanto, vemos como uma vantagem porque o processo de produção já começa em um ambiente de enxugamento de custos, então quando a economia voltar a ter um bom ritmo, estaremos mais preparados", diz Perez.

## **Crise em empresas familiares**

20/07/2015 - Fonte: Portal Contábil

Neste momento de grave crise, o maior desafio de ajuste e sobrevivência é o das empresas de controle e gestão familiar. A perenidade de uma empresa depende de como seus acionistas lidam com três fatores: valores, capital e gestão, cada um com desafios próprios.

Valores devem ser cultivados, transmitidos e constantes; já capital e gestão, adequados, estruturados, capacitados, profissionais e mutantes. O problema é que a empresa familiar tende a olhar os três fatores pelo espelho retrovisor, quando só o primeiro deveria ser objeto disso. Os outros mudam com o mundo.



Manter sólida a estrutura de capital é difícil. Com o tempo, sua pulverização dificulta o aporte de recursos pelos acionistas. Hábitos, visões antigas e barreiras culturais tendem a bloquear a alternativa de atração de novos acionistas.

Ajustar a gestão requer separação entre propriedade e gestão, além da avaliação da capacidade dos executivos, em uma realidade que pode tornar obsoletos profissionais, estruturas organizacionais e produtos. Demanda isenção e profissionalismo nas decisões, o que é raro nas empresas familiares.

As sucessões de patrimônio, capital e de gestão tendem a dispersar interesses e focos societários e empresariais, prejudicando a afinidade estratégica e tática, imprescindíveis em cenários de crise.

Torna-se necessária a separação entre família, propriedade e gestão. A má performance da gestão respinga na sociedade e no patrimônio, fontes de desconfortos ou litígios que desestruturam a família. O final é a dilapidação de patrimônio ou a morte da empresa.

Já as empresas com sucessão definida e consolidada sofrem menos em uma crise. Não há a interferência do fator emocional "família" e as dimensões societárias e de gestão têm mecanismos de ação e controle compatíveis com os princípios de governança corporativa. Assim, o acesso a novos recursos, créditos ou acionários é mais fácil.

## **Empresas poderão aderir a Programa de Proteção ao Emprego a partir do dia 22**

20/07/2015 - Fonte: Portal Brasil

As empresas interessadas em aderir ao Programa de Proteção ao Emprego (PPE) poderão fazê-lo a partir do dia 22 deste mês, informou o ministro do Trabalho, Manoel Dias, que participou nesta terça-feira (14) da instalação do comitê interministerial que vai avaliar e estabelecer regras para o programa.

Os ministros do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, e da Secretaria-Geral da Presidência da República, Miguel Rossetto, reuniram-se com Dias e com técnicos por cerca de uma hora.

"Nós temos um grupo de trabalho que está diariamente se reunindo, os técnicos estão elaborando regras e as normas. Eles expuseram aos ministros em que ponto está esse trabalho", disse Manoel Dias. Criado por medida provisória no último dia 6, o programa permite a redução temporária da jornada de trabalho, com diminuição em até 30% do salário.

De acordo com Dias, na sexta-feira (17) o comitê interministerial, coordenado pela pasta do Trabalho, volta a se reunir para receber informações da área técnica e discutir detalhes. Na terça (21), os membros do comitê assinam o que for acordado, permitindo a abertura para adesão no dia seguinte. O ministro do Trabalho não quis adiantar regras, nem nomear setores interessados no PPE.

"Em torno de 10 setores já procuraram informações. Nós não podemos declarar porque não está formalizado. Não podemos colocar publicamente ainda", afirmou.

Manoel Dias voltou a dizer que o programa vai gerar economia para os cofres públicos. "Nós fizemos uma projeção para 50 mil trabalhadores. Isso implicaria em um custo de R\$ 100 milhões. Esses mesmos trabalhadores, se tivessem sido demitidos, o custo seria R\$ 168 milhões.

É uma medida que reduz despesa, além de manter emprego, nosso principal objetivo". O governo arcará com 15% da redução salarial de até 30%, usando recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

### **Arcelormittal Brasil aposta em comércio eletrônico de aço**

20/07/2015 - Fonte: Portal Brasil

A ArcelorMittal aposta em mais uma iniciativa pioneira para se aproximar do seu cliente final. A produtora de aço inaugurou seu canal direto de vendas na internet. É a primeira empresa do setor a investir no comércio eletrônico de vergalhões, arames, chapas, perfis e uma infinidade de produtos.

O objetivo é oferecer ainda mais facilidade e comodidade aos clientes, que não precisarão se deslocar até uma loja especializada para realizar esse tipo de compra. O novo canal já está no ar com projeto-piloto na Grande São Paulo e também vai oferecer condições facilitadas de pagamento (até 6 vezes no cartão de crédito).

Para as outras regiões, a ArcelorMittal dispõe de uma ampla rede de distribuidores e lojas físicas. A expectativa é que nos próximos meses, o comércio eletrônico seja ampliado para todo o Brasil.

"Qualquer pessoa que esteja construindo ou reformando, poderá realizar a compra online. Ao todo, são quase 200 produtos de aços longos, planos e trefilados do nosso portfólio", informa Henrique Morais, vice-presidente comercial do segmento de aços longos da ArcelorMittal Brasil.

Uma central de atendimento vai assegurar todo suporte ao usuário e a confiabilidade da entrega. Uma campanha publicitária exclusivamente online vai divulgar a estratégia comercial. O site pode ser acessado no endereço: [www.lojaarcelormittal.com.br](http://www.lojaarcelormittal.com.br)

### **Minas-Rio leva Anglo American a uma baixa contábil bilionária**

20/07/2015 - Fonte: The Wall Street Journal

A Anglo American PLC divulgou ontem que vai reduzir em US\$ 4 bilhões o valor de seus ativos de mineração, em mais um sinal das dificuldades que a gigante britânica está enfrentando para pôr em prática o plano de reestruturação lançado pelo diretor-presidente Mark Cutifani.

A maior parte da baixa contábil relativa à reavaliação dos ativos virá do Minas-Rio, no Brasil, disse uma pessoa a par do assunto.

O projeto de minério de ferro custou US\$ 8,8 bilhões e entrou em operação no ano passado, enquanto os preços do produto caíram para mínimas históricas. A companhia atribuiu a reavaliação dos ativos, uma despesa não monetária e incidente depois dos impostos, à fraqueza e volatilidade dos preços do minério de ferro e do carvão metalúrgico.

A baixa contábil ocorre uma semana antes de a Anglo divulgar o lucro do primeiro semestre de 2015, que deve ficar abaixo do US\$ 1,46 bilhão registrado no mesmo período do ano passado, preveem analistas.

Durante a conferência de resultados marcada para a próxima sexta-feira, Cutifani deve enfrentar perguntas duras sobre o longo e doloroso declínio da mineradora, que acelerou desde que ele assumiu o comando, em abril de 2013.

"Com certeza, vamos perguntar sobre o fraco desempenho da companhia e a estratégia de revitalização", diz Sekgoela Sekgoela, porta-voz do Public Investment Corp., fundo estatal de investimento da África do Sul, que é o maior acionista da Anglo.

Cutifani, que tem 57 anos, ganhou a reputação de especialista em recuperar empresas durante os cinco anos em que liderou a AngloGold Ashanti Ltd., uma empresa que a Anglo American criou em 1998 e começou a vender em 2006, tendo se desfeito dos últimos ativos em 2009.

Investidores se animaram quando ele assumiu o desafio de consertar as vastas operações da Anglo, que tem grande presença na África do Sul, além do Brasil. Mas o trabalho dele vem sendo dificultado pela queda nos preços das commodities que atingiu toda a indústria.

Os preços de produtos como cobre, níquel e carvão despencaram nos últimos 12 meses, atingidos pela desaceleração da demanda da China. Grandes concorrentes, como BHP Billiton Ltd., Rio Tinto PLC e Glencore PLC, também têm sofrido enormes baixas contábeis e visto o preço de suas ações despencar.

Nenhuma dessas grandes mineradoras independentes, porém, foi golpeada tão duramente quanto a Anglo. Com o plano de recuperação criado por Cutifani já chegando à metade dos três anos previstos, a companhia ainda não teve sucesso pelos critérios do próprio diretor-presidente. Cutifani disse que impulsionaria os lucros ao aumentar a eficiência operacional e cortar custos nas minas.

Em vez disso, os lucros desabaram com os preços das commodities. Ele disse que venderia ativos de baixo desempenho, como as minas de platina na África do Sul, mas não conseguiu fechar nenhum grande negócio.

A empresa perdeu US\$ 16,5 bilhões em valor de mercado desde que ele assumiu → queda de 46% →, mantendo o declínio iniciado anos antes. As ações da Anglo, negociadas na bolsa de Londres, estão perto de uma mínima de 13 anos.

A Anglo não quis disponibilizar Cutifani para uma entrevista. Em declarações públicas passadas, ele demonstrava otimismo, dizendo que foi bem-sucedido em elevar a eficiência de várias minas e na redução de despesas operacionais e com pessoal.

"Estamos exatamente no meio de um plano de três anos que está reposicionando fundamentalmente a Anglo American → operacionalmente, estruturalmente e culturalmente →, com progresso em todas as frentes apesar do fraquíssimo ambiente de preços", diz James Wyatt-Tilby, porta-voz da Anglo.

Os críticos de Cutifani reconhecem que ele herdou a maioria dos problemas de sua predecessora, Cynthia Carroll. Entre os maiores estão os estouros de orçamentos no Minas-Rio, cuja mina se encontra em Conceição do Mato de Dentro (MG) com o duto de minério de ferro se estendendo até o Porto de Açu, em São João da Barra (RJ). É o maior mineroduto do mundo.

A Anglo comprou o Minas-Rio em 2007 para capitalizar a então insaciável demanda chinesa por minério de ferro. Mas o projeto ficou mais de cinco anos atrás do cronograma e os custos incharam dos US\$ 2,7 bilhões previstos inicialmente, para US\$ 8,8 bilhões, levando a empresa a reduzir o valor dos ativos em duas ocasiões distintas, num total de US\$ 7,5 bilhões.

A Anglo começou a vender minério de ferro do Minas-Rio em outubro, mas o banco Barclays afirma que a mina pode estar operando no vermelho.

Seu preço de equilíbrio para o minério de ferro era de US\$ 63,5 a tonelada durante a fase de aumento de produção e US\$ 50 com a produção normalizada, segundo o banco. O preço comparável no mercado à vista estava em US\$ 50 a tonelada ontem.

Enquanto isso, as rivais BHP e Rio Tinto estão produzindo um excesso de minério a custos baixos, empurrando ainda mais os preços para baixo. Cutifani, que pouco pode fazer em relação ao Minas-Rio, teve um sucesso limitado ao enfrentar as consequências desse e outros problemas.

Ele também teve dificuldade para cortar empregos rapidamente, em parte devido às delicadas relações trabalhistas na África do Sul, onde foi obrigado a recuar num plano de cortar vagas na divisão Anglo Platinum, após a interrupção das negociações com sindicatos patrocinadas pelo governo.

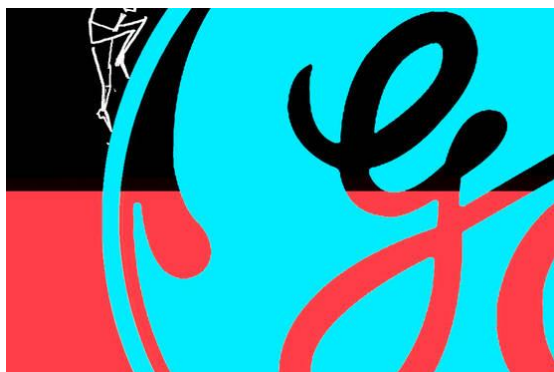
A Anglo é um dos maiores empregadores num país onde o desemprego está em 26%, o maior nível em 11 anos. Pelo menos a fusão das gigantes de cimento Holcim SA e Lafarge Ltd. foi uma boa notícia para a Anglo.

A união vai ajudar a empresa a vender um negócio de construção que tem em sociedade com a Lafarge e receber US\$ 1,37 bilhão, o que talvez afaste a possibilidade de a Anglo ter que parar de pagar dividendos devido a um aperto de caixa.

A cotação das ações da Anglo tiveram alta de 1,8% ontem, para 890 centavos de libra, comparado com uma avanço de 0,9% do índice de mineração FTSE 350, apesar do anúncio da baixa contábil.

### **Atraso em acordos com Alstom e Electrolux turva futuro da GE**

20/07/2015 - Fonte: The Wall Street Journal



Num momento em que a General Electric Co. está prestes a alardear uma melhora no desempenho de suas operações no setor industrial, dois negócios cruciais para a estratégia do diretor-presidente do conglomerado americano, Jeff Immelt, correm perigo, ameaçados por obstáculos regulatórios.

Amanhã, quando a GE divulgar seus resultados do segundo trimestre, qualquer fato novo relacionado a essas transações — a compra dos negócios de energia da francesa Alstom SA, por US\$ 17 bilhões, e a venda de sua divisão de eletrodomésticos para a rival Electrolux AB, por US\$ 3,3 bilhões — poderia roubar os holofotes, tirando a atenção dos investidores da melhora nas margens de lucro, do aumento nas vendas e do sucesso da campanha de corte de custos que os analistas preveem que a empresa vai divulgar.

Hoje, um dia antes do anúncio de resultados do segundo trimestre, vence o prazo para que a GE proponha concessões aos reguladores de proteção à concorrência da Europa, num esforço para salvar o acordo com a Alstom. O negócio faz parte da estratégia de

Immelt para colocar o foco do conglomerado de volta na indústria, afastando-o dos serviços financeiros.

Os reguladores europeus vêm obstruindo o negócio com a Alstom há mais de um ano e apresentaram objeções formais para a aquisição no mês passado, citando o receio de que a GE e a rival Siemens AG dominariam o mercado de turbinas pesadas a gás no continente.

Para salvar o acordo, a GE provavelmente terá de desistir de uma parte do negócio resultante da fusão grande o suficiente para satisfazer os reguladores da União Europeia, sem abrir mão da lucrativa divisão de serviços, que ajudou a justificar o preço oferecido por uma empresa abatida como a Alstom.

A empresa também enfrenta problemas nos Estados Unidos, onde o Departamento de Justiça abriu um processo, em 1o de julho, para bloquear a venda da divisão de eletrodomésticos da GE para a sueca Electrolux.

O governo afirma que o negócio iria reduzir a concorrência no mercado de eletrodomésticos grandes, como fogões e fornos, prejudicando consumidores como construtoras e administradoras de imóveis. (Nos EUA, imóveis novos costumam ser entregues aos compradores já com geladeira e fogão.)

Em ambos os casos, a GE diz que está confiante de que pode prevalecer.

Nick Heymann, analista da William Blair & Co., diz que agora prevê que os acordos com a Alstom e a Electrolux sejam concluídos mais tarde neste ano e que vai observar de perto a evolução do negócio com a Alstom, para avaliar o nível das concessões que a GE será obrigada a fazer. Ele acredita que ainda há muito para acontecer antes de um potencial acordo.

Apesar dos tropeços, a GE afirma que tem avançado em importantes esforços internos para aumentar a eficiência de seus negócios, que produzem equipamentos pesados como motores de avião, locomotivas, turbinas de energia e aparelhos de ressonância magnética.

Recentemente, a empresa tem salientado aos investidores as áreas nas quais espera superar seus rivais industriais neste trimestre, incluindo a taxa de crescimento orgânico das vendas e geração de caixa.

A empresa também está adotando medidas para melhorar as margens brutas de suas divisões de fabricação — não apenas para reduzir custos nas operações administrativas, mas também aumentar a eficiência em sua cadeia de fornecimento e elevar o número de produtos que saem de suas fábricas.

Um grande teste no fronte industrial virá da unidade de petróleo e gás da GE, que fabrica equipamentos para a exploração, perfuração e produção.

A receita da unidade pode cair quase 16% no segundo trimestre, previu Steven Winoker, analista da Bernstein Research, em um relatório recente. O principal teste para a equipe de gestores da GE será se eles conseguirem manter a previsão anunciada de que os lucros não devem cair mais do que cerca de 10% este ano — com a ajuda de um programa rígido de corte de custos e a padronização de equipamentos na unidade de petróleo, que é a terceira maior da GE em termos de vendas.

Os obstáculos regulatórios surgem num momento em que outra iniciativa importante — a venda de mais de US\$ 500 bilhões em ativos da divisão de serviços financeiros — ocorre a uma velocidade maior que o previsto inicialmente pelos executivos da empresa.

Desde que anunciou, em abril, que planejava vender a maior parte de suas operações bancárias, a GE já fechou acordos avaliados em US\$ 58 bilhões, vendendo operações como as unidades de crédito para investidores de private equity nos EUA e Europa, uma divisão de financiamento de frotas de veículos e um portfólio de ações e títulos do setor imobiliário avaliado em US\$ 35 bilhões.

"Temos muita coisa no mercado e estamos prontos para um ótimo terceiro trimestre em termos de fechar mais acordos", disse o diretor-presidente da GE Capital, Keith Sherin, em uma entrevista ao The Wall Street Journal no mês passado. A empresa planeja anunciar um total de US\$ 100 bilhões em negócios este ano.

A rapidez com que a GE está vendendo seus ativos no setor financeiro é um bom sinal para os investidores, especialmente porque o caixa que a GE está acumulando com essas vendas ficará com a controladora e, em algum momento, ele deve ser disponibilizado para recompras de ações, diz Heymann, da William Blai.

### **Vale amplia competição com rio e BHP após autorização de desembarque na China**

20/07/2015 - Fonte: Reuters

Enquanto a Rio Tinto e a BHP Billiton enviam mais minério de ferro do que nunca para a China, as mineradoras australianas enfrentam a forte disputa da Vale por fatia de mercado, o que ameaça deixar os preços já fracos ainda mais baixos.

As companhias australianas devem divulgar saltos na produção de minério de ferro, com a Rio Tinto nesta quinta-feira revelando um aumento de 9 por cento na produção do segundo trimestre.

A BHP também deve publicar um ganho sólido de produção em 22 de julho, enquanto mineradoras correm para manter as exportações para impulsionar lucros, com preços menores comendo as margens.

Elas enfrentam agora uma competição mais acirrada da Vale, que também está trabalhando mais em suas minas, após a maior produtora mundial ter recebido aprovação para seus navios Valemax descarregarem na China, reduzindo os custos de frete.

Com uma capacidade de 400 mil toneladas cada, os 34 Valemaxes são os maiores navios a granel e têm duas vezes o tamanho de embarcações usadas pela Rio e pela BHP, mas uma proibição de entrada em portos chineses prejudicava fortemente a eficiência desses navios.

"A BHP e a Rio têm procurado elevar os volumes nesse ambiente para maximizar cada tonelada", disse o analista do Morgans Financial, James Wilson. "Com os navios da Vale ocupando as águas e o preço onde está, ela ficará acelerada no próximo trimestre, com mais minério do que nunca sendo produzido."

### **Redução de produção de minério de ferro da Rio Tinto é eclipsada por excedente**

20/07/2015 - Fonte: InfoMoney

É improvável que a menor previsão de exportações de minério de ferro deste ano da Rio Tinto Group torne alguém altista no futuro próximo.

A segunda maior exportadora diminuiu sua estimativa para 2015 em cerca de 10 milhões de toneladas. O número se compara com um superávit que, de acordo com estimativas do Morgan Stanley, aumentará da previsão de 58,1 milhões de toneladas deste ano para 83,2 milhões de toneladas em 2020 porque o mercado de transporte marítimo atingirá

1,4 bilhão de toneladas. Os preços caíram na semana passada para seu valor mais baixo em pelo menos seis anos, segundo dados que se remontam a maio de 2009.

O excedente mundial está crescendo e os preços de referência estão atolados em um mercado baixista porque a Rio e suas principais rivais – a Vale SA e a BHP Billiton Ltd. – estão aumentando a produção de baixo custo apesar da estagnação da demanda na China, a maior compradora. Nesta semana, a Vale disse que tentará atingir sua meta de produção de 340 milhões de toneladas para o ano completo, mesmo cortando cerca de 25 milhões de toneladas de oferta com custo mais alto.

“Acho que esta redução da Rio não vai causar um grande impacto”, disse Ric Spooner, analista-chefe da CMC Markets, em entrevista por telefone de Sydney. “No total, é apenas uma pequena redução nos volumes do ano”.

A Rio estima embarques de 340 milhões de toneladas em 2015, contra sua estimativa anterior de 350 milhões de toneladas, disse a empresa em um comunicado nesta quinta-feira. O número se compara com os carregamentos de 302,6 milhões de toneladas transportados por via marítima em 2014.

### **Ciclones tropicais**

A redução da meta de transporte marítimo da Rio foi feita depois de ocorrências de clima severo na região de Pilbara, na Austrália, que fecharam o porto de Dampier por um breve período. Cerca de 7 milhões de toneladas de capacidade de transporte marítimo foram perdidas no primeiro semestre devido ao impacto dos ciclones tropicais Olwyn e Quang, disse a Rio.

As fortes precipitações no interior do país reduziram a utilização de caminhões, afetando as taxas de produção e reduzindo a quantidade de toneladas transportadas por trem até os portos, disse a empresa no comunicado.

A interrupção não provocará um ajuste no mercado de minério de ferro neste semestre e é possível que a Rio até ultrapasse sua meta revisada, disseram analistas do Morgan Stanley liderados por Brendan Fitzpatrick em uma nota a clientes nesta quinta-feira depois da publicação do comunicado.

A produção total da Rio se expandiu para 79,7 milhões de toneladas nos três meses até 30 de junho, frente a 73,1 milhões de toneladas um ano atrás. O número se compara com a média das estimativas de seis analistas consultados pela Bloomberg, de 81,9 milhões de toneladas.

### **Emprego na indústria deve continuar a cair, avalia economista do IBGE**

20/07/2015 - Fonte: Agência Brasil

A situação macroeconômica do país, com um quadro de taxas de juros e inflação em alta, restrição ao crédito, desemprego e redução da renda, indicam que o emprego industrial deverá continuar em queda pelos próximos meses. A avaliação é do economista Rodrigo Lobo, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao comentar os números da Pesquisa Industrial Mensal – Emprego e Salário na Indústria, divulgados hoje (17).

Os dados do emprego na indústria, referentes a maio, foram predominantemente negativos, com queda em todas as suas vertentes e bases de comparação, com a taxa de ocupação fechando em queda de 1% em relação a abril e de 5% no acumulado dos primeiros cinco meses do ano.

Embora o IBGE não faça projeções, Lobo disse que, tomando por base a evolução da média móvel trimestral – predominantemente negativa desde o final do primeiro semestre de 2013 – o quadro não deverá mudar para os próximos meses.

“Esse cenário é reflexo do menor dinamismo que a produção industrial vem mostrando deste o último trimestre de 2013. Os estoques da indústria permanecem em patamares elevados fazendo com que haja, por parte dos empresários, menores incentivos à produção, uma vez que não há demanda para os seus produtos”, disse.

E o final dessa cadeia, acrescentou, é justamente a queda no emprego industrial, que está em declínio há 44 meses, com o número de horas pagas recuando há 24 meses e a folha de pagamento também em queda há 12 meses.

O economista do IBGE disse que o principal impacto negativo vem do setor de meios de transporte (veículos automotores e outros equipamentos de transportes, como aviões e motocicletas), desde o final de 2013.

O setor perdeu 11% dos empregados, em relação a maio do ano passado – maior retração desde maio de 2002, quando o recuo na base anual chegou a 12,9%.

Os números indicam ainda que a mesma leitura pode ser feita na comparação anual sobre horas pagas e folha de pagamento real. O número de horas pagas recuou 12,5% – taxa mais alta desde setembro de 2009, que foi 13,7% – e o recuo na folha de pagamento atingiu 15,1% – maior queda da série histórica iniciada em março de 2002, ressaltou Lobo.

Em maio, o contingente de trabalhadores diminuiu em 17 dos 18 ramos pesquisados, com destaque para meios de transporte (-11%), alimentos e bebidas (-3,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-12,9%), produtos de metal (-10,6%), máquinas e equipamentos (-7,2%), vestuário (-7,5%), outros produtos da indústria de transformação (-9,6%), calçados e couro (-7,6%) e metalurgia básica (-6,6%).

A queda de 1% no número de pessoas ocupadas na indústria, em maio deste ano, na avaliação do economista do IBGE é, na verdade, o prolongamento de um processo de depreciação do setor, iniciado em meados de 2008, por causa da crise financeira internacional.

Para o economista, em meados de 2008, o emprego na indústria atingiu o pico da série histórica, o mesmo ocorreu com o número de horas pagas e a massa salarial do setor.

Desde então, com alguns períodos pequenos de reversão, o quadro do setor vem se deteriorando, e do final de 2013 em diante o nível de emprego se consolidou em uma trajetória bastante clara de queda.

Lobo lembra que até o surgimento da crise internacional, o país tinha uma indústria com produção interna em crescimento, de forma sequencial e bastante forte, até que foi impactado pela crise, e a consequência foi a queda rápida da produção.

“Houve ligeira recuperação ao longo de 2009, atingindo níveis altos também em 2010, embora em bases inferiores às de 2008, mas depois disso entrou em declínio constante”, disse.